אדשׁ אד דֶתְרשׁ מ ֹ אפֵח ראשׁ ק גֶנאס ֹ תנאקֶרפּ

O SANGUE DA
EXPIAÇÃO

O QUE ELE REALIZA, E O QUE NÃO REALIZA



G.H. LANG

O Escriba do Reino

אדשׁ אד דֶתְרשׁ מ ֹ אפֵח ראשׁ ק גֶנאס ֹ תנאקֶרפּ

Fonte: Livro "Atoning Blood: What It Does and What It Does Not Do" (O Sangue da Expiação: O que realiza e o que não realiza) da autoria de G. H. Lang. Publicado por Schoettle Publishing Company. Este artigo pode ser distribuído e usado livremente, desde que não haja alteração no texto, sejam mantidas as informações de autoria e de tradução e seja exclusivamente para uso gratuito. Preferencialmente, não o copie em seu sítio ou blog, mas coloque lá um link que aponte para o artigo.

As obras do Sr. Lang não estão ainda em domínio público. Portanto, todo o uso desse material deve conforme solicitado acima, ser feito sem alteração no mesmo e não de forma comercial fazendo-se referência à fonte, conforme a Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 3.0 Brasil License.

G. H. Lang

O Sangue da Expiação

O que o sangue realiza e

O que o sangue não realiza

UMA EXPOSIÇÃO DA VERDADE DA EXPIAÇÃO
CONFORME ENSINADA NAS SANTAS ESCRITURAS

Título original em inglês: *Atoning Blood: What it Does and What it Does Not Do*
Publicado originalmente em 1955.

Salvo indicação específica, as referências bíblicas citadas neste livro foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada, edição de 2003 (Barueri: SBB, 2003).

A sigla ARC refere-se *Almeida Revista e Corrigida, Edição de 2009* (Barueri: SBB, 2009). A sigla BJ refere-se a *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulos, 2002). A sigla NTLH refere-se a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (Barueri: SBB, 2000). A sigla NVI refere-se a *Nova Versão Internacional* (São Paulo: Vida, 2001). A sigla NVT refere-se a *Nova Versão Transformadora* (São Paulo: Mundo Cristão, 2016). A sigla TB refere-se *Tradução Brasileira* (Barueri: SBB, 2010).

1ª Edição - Dezembro de 2020

SUMÁRIO

Introdução

Primeira Parte

O QUE O SANGUE FAZ?

1. O sangue clama por vingança
2. O sangue protege da vingança
3. O sangue dá acesso a Deus
4. Por que o sangue salva?
5. O sangue de quem salva?
6. A quem e a que o sangue salva?
7. Benefícios assegurados pelo sangue

Segunda Parte

O QUE O SANGUE *NÃO* FAZ

8. O sangue não dispensa a fé e a obediência

9. O sangue não prescinde do pão

10. O sangue não faz o trabalho da água

11. O sangue não realiza a tarefa do óleo

12. O sangue não substitui a disciplina

13. O sangue não cumpre a função da espada

Notas

INTRODUÇÃO

A VIDA ABATIDA em sacrifício para o culto a Deus e o benefício do homem começou imediatamente após o homem ter pecado. Pelo visto, o próprio Criador deu origem à prática. Para que o casal caído não ficasse sempre exposto à indignação divina, por estarem Adão e Eva nus e inadequados aos olhos santos, e para que a nudez fosse escondida uns dos outros, "fez o SENHOR Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu" (Gn 3:21). A declaração presume que houve a morte de vítimas animais para o fornecimento de peles.

Embora o instinto básico de adorar a Deus seja inerente ao homem, dificilmente poderia ter sido sem a instrução divina o fato de Abel ter matado um primogênito de seu rebanho e tê-lo oferecido com o elemento mais rico — a gordura (Gn 4:4).

Quando o julgamento do dilúvio exterminou os ímpios e uma nova era iniciou-se para a terra purificada, Noé consagrou tudo a Deus; ele ofereceu animais e aves limpos, os quais precisaram morrer e ser queimados no fogo em um altar (Gn 8:20).

A distinção entre as criaturas viventes, mediante a qual algumas eram "limpas", adequadas e aceitáveis a Deus, e outras não eram, permaneceram na lembrança e observância da raça humana, mesmo depois de a humanidade ter se rebelado novamente contra o único e verdadeiro Deus. Comentando sobre os primeiros sacrifícios babilônicos, Sayce ressalta: "É notável que apenas a planta cultivada e o animal domesticado eram oferecidos aos deuses. O cão e o porco, ou melhor, o javali, nunca são mencionados na lista de sacrifícios".[1]

Essa distinção essencial foi revivida e ampliada por Moisés.

Da mesma forma, Abraão aproximou-se de Deus mediante os altares que ele construiu, e a aliança de Deus com ele foi ratificada pelo sacrifício de animais e aves limpos (Gn 12:7-8; 13:4; 15:9-10). A base de aproximação a Deus culminou na oferta de Isaque em um altar e na substituição de Isaque por um animal limpo, um carneiro (Gn 22:1-13). Isaque e Jacó aproximaram-se de Deus por meio de altares (Gn 26:25; 35:3, 7). Durante o mesmo período, Jó também ofereceu holocaustos em favor de seus filhos, no caso de terem sido negligentes em seus corações na reverência para com Deus (Jó 1:5).

Tudo isso é evidência bíblica e histórica de que, desde o início da história do homem, Deus lhe ensinou que, sendo pecador, ele só poderia se aproximar de Deus com base na ocorrência de uma morte para redimi-lo da morte que é consequência da transgressão da lei divina. A morte como pena do pecado não pode ser indultada, mas tem de ser executada e só pode ser executada por meio da morte de um substituto inocente no lugar do culpado.

Até este ponto, os registros divinos resumiram dois mil e

quinhentos anos de história do homem, sem fazer menção ao *sangue* dos sacrifícios. Mas é errado deduzir que o uso do sangue no sacrifício era desconhecido nos tempos antigos e que o uso insistente da palavra é adição posterior não certificada no costume primitivo.

Ao escrever o resumo dos acontecimentos marcantes da maior parte dos tempos antigos, Moisés sabia muito bem (1) que o uso sacrificial do sangue era praticado universalmente e conhecido por seus ouvintes e leitores; (2) que, antes de escrever seus registros, ele já havia explicado e imposto em Israel o uso do sangue; e (3) que nas próximas seções de sua história (Êxodo e Levítico), o tema seria ampliado. Portanto, nenhum desses tempos faria a falsa dedução sugerida ou consideraria o uso extensivo do sangue como invenção. Tratemos, agora, do primeiro tópico: *O que o sangue faz*.

Primeira Parte

O QUE O SANGUE REALIZA?

ANTES DE CONSIDERAR a virtude expiatória do sangue, é necessário primeiro discorrer sobre o seu poder oposto, como pano de fundo para o poder expiatório do sangue.

Capítulo 1

O SANGUE CLAMA POR VINGANÇA

DEUS ENFATIZOU A ideia firmemente nos primeiros anos, quando ele disse a Caim:

> A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim. És agora, pois, maldito por sobre a terra, cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão. Quando lavrares o solo, não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra. (Gênesis 4:10-12)

Noé deve ter sabido deste e de outros primeiros acontecimentos na história do homem, já que por 600 anos ele foi contemporâneo de Matusalém e Matusalém por 243 anos foi contemporâneo de Adão. Durante esse período, a raça

humana formara apenas uma sociedade em uma única região. O patriarca também deve ter se lembrado das palavras de Deus ditas a Caim quando, como podemos aceitar indiscutivelmente, logo após o dilúvio Deus acrescentou esta declaração fundamental à sociedade humana:

> Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora. Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis. Certamente, requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; de todo animal o requererei, como também da mão do homem, sim, da mão do próximo de cada um requererei a vida do homem. Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem. (Gênesis 9:3-6)

As primeiras declarações divinas são básicas no tocante aos assuntos da terra e do homem, segundo a ótica de Deus. Nunca foram revogadas, mas, antes, ampliadas. Observemos os seguintes pontos essenciais.

1. O sangue derramado injustamente traz julgamento divino sobre a terra que ele mancha. O conceito foi incorporado à lei mosaica. Quando falava sobre assassinatos, Moisés disse: "O sangue profana a terra" (Nm 35:33). Considerando o banho de sangue que tem sido derramado sem o consentimento divino, a terra deve estar terrivelmente corrompida diante de Deus e os julgamentos divinos que pairam sobre ela devem ser horrendos. A ira dos céus está se acumulando expressivamente sobre, digamos, os Estados

Unidos, onde há mais de onze mil assassinatos por ano, com apenas uns poucos recebendo punição, e cerca de vinte e um mil suicídios.

2. O sangue é o veículo da vida corpórea. A ideia também forma a base para o pecado ser expiado pelo sangue, assunto que consideraremos mais tarde fundamentados em Levítico 17. A vida é o dom exclusivo de Deus. Ninguém mais pode concedê-la, embora ela possa ser roubada por outrem. Tirar a vida é roubar a Deus. Ele atribui à vida humana tamanho valor que exige a reparação do homem que a tira e até do animal que a tira. Tal é o controle do Criador sobre cada criatura, mesmo sobre as criaturas selvagens.

Que título terrivelmente solene de Deus é este: "Aquele que pede contas do sangue derramado" (Sl 9:12, NVI). Dizem que quando o chanceler austríaco Metternich exortou Napoleão a aceitar a paz e a poupar a vida humana, o imperador respondeu amaldiçoando a vida humana. "Aquele que pede contas do sangue derramado" não pode ignorar tal coisa.

3. A pena para o derramamento do sangue do homem, que ficou sem a vida, é o sangue do assassino ser derramado. A pena capital é por expresso mandamento divino. Não é mero elemento dissuasivo contra o assassinato, embora também o seja; mas muito mais é exigido por equidade. A vida é de valor maior do que qualquer outra coisa, como até Satanás o admitiu quando disse: "Tudo quanto o homem tem dará pela sua vida" (Jó 2:4). Portanto, nada mais pode ser aceito do assassino no lugar de sua vida, pois nada mais é equivalente à vida do homem que ele tirou (Nm 35:33).

4. Daí surge a proibição de comer sangue ou carne com sangue não drenado. É apropriação de um direito que pertence

exclusivamente a Deus, o único Doador e Dono permanente e isolado do sangue. A proibição foi fortemente imposta aos israelitas (Lv 17:10; Dt 12:16, 23), e devidamente estendida aos cristãos gentios (At 15:20; 21:25). O fundamento para a proibição não admite exceções.

Em seu aspecto mais elevado, a guerra é o julgamento divino sobre os povos por seus pecados (Ez 14:21). Mesmo assim, Davi, o soldado temente a Deus que executou esse julgamento sobre as nações vizinhas e foi sustentado por Deus em suas campanhas militares, foi desqualificado da honra de edificar a casa de Deus em Jerusalém, porque ele tinha derramado muito sangue (1Cr 22:6-8). O soldado que é cristão deve refletir sobre isso, pois demonstra o valor que Deus dá à vida humana. Mesmo quando a guerra é vista idealmente, trata-se de um serviço inferior que desqualifica o soldado para o serviço mais sublime. Suponhamos que o extermínio de uma tribo ou nação degradada seja o julgamento divino necessário para o bem moral geral da humanidade. O soldado cristão que, por ordem de seus superiores, realiza o extermínio não pode edificar a casa espiritual de Deus, a igreja, entre as pessoas que ele destrói.

Portanto, o sangue derramado contamina o homem e a terra, e clama por vingança, cujo clamor Deus ouve.

Se é assim quando um homem comum é assassinado, quanto mais alto deve ser o clamor por vingança do santo sangue do Filho de Deus assassinado. Que pesadelo de culpa e castigo os assassinos aceitaram quando gritaram em frenético furor de raiva: “Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!” (Mt 27:25). A pena ainda não se esgotou porque, como nação, os descendentes judeus mantêm a mesma atitude em relação a Cristo que seus antepassados. O peregrino

observador na Palestina nota que a maldição sobre a terra supramencionada está em vigor, pois quanto mais perto se chega de Jerusalém, mais tostada pelo sol e estéril é a terra.

Capítulo 2

O SANGUE PROTEGE DA VINGANÇA

HÁ CERCA DE CATORZE séculos antes de Cristo, Deus tratava judicialmente com a nação mais rica e dominante na terra: os egípcios. Hoje, os visitantes dos monumentos daquele período veem os registros condenatórios que as pessoas deixaram de sua vileza e crueldade. São fatos que tornam totalmente credíveis o relato de Moisés no livro do Êxodo, quando narrou que Israel sofreu escravidão e amarga opressão de Faraó, com a ordem de matar todos os bebês masculinos dos hebreus.

Esse é o pano de fundo judicial para o Juiz de toda a terra exigir dos egípcios o cumprimento de penas severas. O crime culminante de Faraó e seu povo foi o seguinte: O Deus único e supremo, o Criador de todos os homens, considerara adequado escolher um povo para si entre as nações, nos

moldes do que o primogênito é para o pai de família, ou o membro mais velho do círculo de autoridade do pai. Faraó escravizara o povo escolhido e projetara absorvê-lo entre os egípcios, matando os meninos e casando as meninas com os egípcios. Para esse tirano, Jeová enviou a seguinte mensagem: "Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixá-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito" (Êx 4:22-23).

O rei soberbo da nação governante na terra não estava preparado para ver sua supremacia passar para a odiada raça de escravos e rejeitou obstinadamente a exigência. Depois de muita paciência, e quando se tornara evidente que o rei e seu povo não cederiam, foi ordenada a execução do decreto divino, que Moisés anunciou com estas palavras:

> Assim diz Jeová: Cerca da meia-noite, irei para o meio do Egito. Todos os primogênitos na terra do Egito morrerão, desde o primogênito de Faraó, que se assenta sobre o seu trono, até o primogênito da escrava que está detrás da mó; e todos os primogênitos dos gados. (Êxodo 11:4-5, TB)

1. Deus age pessoalmente. É de suma importância ressaltar que um julgamento tão extenso e terrível foi supervisionado pessoalmente por Deus: "[Eu] passarei pelo meio do Egito" (Êx 11:4b). O fato já havia ocorrido em quatro situações anteriormente registradas: (a) Deus mesmo lidara com Caim (Gn 4:8-15); (b) "Jeová presidiu como rei ao dilúvio;[2] como rei, Jeová preside para sempre" (Sl 29:10, TB); (c) quando em Babel toda a raça humana firmou-se em sua exaltação,

"desceu Jeová para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam" (Gn 11:5, TB), antes de confundir-lhes as palavras e espalhá-los pela terra; e (d) quando duas grandes cidades foram destruídas pelo fogo do céu, Jeová disse: "Descerei e verei se, de fato, o que têm praticado corresponde a esse clamor [o relatório angélico a esse respeito, com o pedido de juízo] que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo ei" (Gn 18:21).

Situações de menos importância na terra podiam ser deixadas aos cuidados de anjos ou de governantes humanos, na execução dos poderes que lhes foram confiados por Deus como o Soberano do universo. Mas, em ocasiões muito solenes e temíveis, ele veio supervisionar pessoalmente para garantir uma justiça rigorosa e imparcial (veja mais em Js 5:13–6:2; Ez 8–9, esp. 9:3-4; Ap 5:1–6:1; 19:11-16; 20:11).

2. O Destruidor age. O reconhecimento da presença pessoal de Deus é essencial para entender devidamente os acontecimentos no Egito naquela noite trágica, quando Jeová disse: "[Eu] passarei pelo meio do Egito", e Moisés acrescentou: "*Jeová* passará para ferir os egípcios", e mais: "Quando [Jeová] vir o sangue sobre a verga e sobre as duas ombreiras, passará Jeová por aquela casa e não permitirá entrar o *Destruidor* nas vossas casas para vos ferir" (Êx 11:4; 12:23, TB).

O grande Destruidor é uma figura distinta na Sagrada Escritura. Ele age aqui, feriu a Israel nos dias de Davi (2Sm 24:15-16; 2Cr 21:14-15) e matou 185 mil soldados assírios em uma noite (Is 37:36). Em Apocalipse 9:11, em ligação com um dos terríveis julgamentos do fim dos tempos, seu nome é dado na forma hebraica e grega: Abadom e Apoliom, ambos com o mesmo significado de Destruidor. O mundo antigo conhecia-

o, temia-o e atribuía-lhe a morte inesperada de homens, como diziam os gregos: "Apolo atirou nele com sua flecha".

O texto em Apocalipse fala que o Destruidor é o anjo-rei do abismo, o mundo dos mortos. A palavra *Abadom*, como referência ao lugar abissal sobre o qual reina esse anjo do mesmo nome, encontra-se somente em Jó 26:6; 28:22; 31:12; Sl 88:11; Pv 15:11 e 27:20.[3] Em cada uma das passagens, o nome está associado com a morte (ou o além) e o Sheol, o mundo dos mortos, e as passagens variam de cerca de 1700 a.C. a 1000 a.C., o que inclui o período do Êxodo.

Era uma ameaça terrível que esse poderoso anjo da destruição fosse solto no Egito e matasse em todas as casas. Todas as pragas precedentes foram infligidas por anjos, visto que Deus "lançou contra eles [os egípcios] o furor da sua ira: cólera, indignação e calamidade, legião de anjos portadores de males" (Sl 78:49); não eram meros "anjos destruidores" (NVT, NVI), mas "mensageiros de males" (ARC). Em outras palavras, eram anjos que, pelo fato de serem de natureza maligna, infligiriam o mal resolutamente. Este último juízo (a matança dos primogênitos) seria o cume da terrível obra do Destruidor e de suas hostes.

Não se trata apenas de história passada. Faraó e seus servos endureceram a cerviz e não obedeceram à verdade quanto ao verdadeiro Deus, o Senhor, e à sua vontade, trazidas aos seus conhecimentos por intermédio de Moisés. Pelo contrário, por terem obedecido à injustiça, vieram sobre eles "ira e indignação" e "tribulação e angústia" da parte de Deus (Rm 2:8-9, que denuncia todos os que em todos os tempos desafiam a Deus). A "ira", "indignação", "tribulação" e "angústia" são termos solenes e sinônimos com os quais o salmista descreveu os juízos que sobrevieram ao Egito de

outrora.

A agência é a mesma. Quando o Senhor descer outra vez para julgar seus inimigos, que não conheceram a Deus, nem obedeceram ao evangelho do Senhor Jesus, nem acolheram o amor da verdade para serem salvos, o mesmo Juiz supremo que tratou do Egito será acompanhado pelos "anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança" (2Ts 1:7-9; 2:9-12), como ele disse:

> Assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. [...] Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. (Mateus 13:40-42, 49-50)

Foi assim no Egito, naquela noite terrível, quando fez-se grande clamor naquele lugar, "pois não havia casa em que não houvesse morto" (Êx 12:30).

3. A justiça faz distinção. As palavras do nosso Senhor que acabamos de citar do Evangelho de Mateus mostram que, quando Deus executa o julgamento, sua ira é guiada por estrita discriminação. Ele distinguiu entre Abel e Caim; salvou Noé e sua família; livrou o justo Ló da destruição de Sodoma. Nos dias de Ezequiel, ele colocou uma marca em cada um dos que suspiravam e gemiam por causa de todas as abominações que arruinavam Jerusalém, e proibiu que os anjos destruidores

tocassem neles, ao mesmo tempo que nenhum outro hierosolimitano foi poupado (Ez 9:4-6). Deve ser sempre assim, e era para ser assim naquela noite no Egito.

Mas, em qual fundamento da lei divina os israelitas poderiam ser isentos conforme a justiça? Eles não eram nem moral nem religiosamente melhores do que os egípcios. As leis rígidas e as penas severas que Moisés teve de impor sobre eles, depois de libertados do Egito, mostram que a vida moral dos israelitas era em geral tão baixa quanto a dos tiranos egípcios. A escravidão sempre deprecia.

Antes de Josué deixar a geração seguinte, que ele levara à vitória em Canaã, ele lembrou-lhe de que seus antigos ancestrais haviam originalmente servido aos falsos deuses na Caldeia e que seus ancestrais imediatos haviam adorado os deuses do Egito. Por algum tempo, houve exceções, como os pais de Moisés e o próprio Moisés (Hb 11:23-26). Mas, quarenta anos depois de ter fugido, Moisés teve de lembrar ao Deus de Abraão que os descendentes do patriarca no Egito não sabiam sequer o nome do Deus de Abraão (Êx 3:13). É tendência natural de os escravos acomodarem-se às opiniões e práticas de seus opressores, se assim conseguirem aliviar o jugo.

Ezequiel 20:3-9 conta-nos a mesma história. Deus diz aos israelitas daquele tempo[4] que, no dia em que ele se deu a conhecer a seus pais no Egito, foi obrigado a dizer-lhes: "Cada um lance de si as abominações de que se agradam os seus olhos, e não vos contamineis com os ídolos do Egito". Inicialmente, o povo rebelou-se contra as privações morais e a mudança de religião. Portanto, eles estavam legalmente sob a mesma sentença de morte que os egípcios, o que nos leva à pergunta: Com base em que eles poderiam ser devidamente poupados?

4. O sangue da Páscoa. A resposta dada no famoso relato encontrado em Êxodo 12, é que fosse morto para cada casa um cordeiro sem defeito (Êx 12:5-6), de acordo com o seguinte procedimento:

> Tomarão do sangue e pô-lo-ão sobre as duas ombreiras e sobre a verga das portas, nas casas em que o comerão. [...] O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga para vos destruir, quando eu ferir a terra do Egito. [...] Tomareis um molho de hissopo, ensopá-lo-eis no sangue que estiver na bacia, e marcareis a verga e as duas ombreiras com o sangue que estiver na bacia. Nenhum de vós sairá da porta da sua casa até pela manhã. Pois Jeová passará para ferir os egípcios; quando vir o sangue sobre a verga e sobre as duas ombreiras, passará Jeová por aquela casa e não permitirá entrar o Destruidor nas vossas casas para vos ferir. (Êxodo 12:7, 13, 22-23, TB)

No original hebraico, o termo traduzido por "passarei" no versículo 13 ("*passarei* por vós") é diferente do termo "passarei" do versículo 12 ("*passarei* pela terra do Egito"). O último significa passar em julgamento; o primeiro, passar e preservar. O termo "passagem" obscurece o quadro e o modo da libertação. O verdadeiro *sentido* encontra-se em Isaías 31:5, que fala de uma libertação de Jerusalém ainda por vir. Jeová compara a si mesmo e a sua ação preservadora a uma ave-mãe que fica voando sobre os filhotes e se lança de um lado para outro, a fim de defendê-los de algum animal ou *réptil* que os ataca:

> Tradução Brasileira (TB): "Como aves quando adejam, assim Jeová dos Exércitos protegerá a Jerusalém, protegendo e livrando, *passando* e pondo a salvo".
>
> Tradução de Darby: "Como as aves de asas estendidas, assim Jeová dos Exércitos cobrirá Jerusalém; cobrindo, ele também livrará, *passando sobre*, ele a salvará".
>
> Tradução de Delitzsch: "Como as aves que sobrevoam, assim Jeová dos Exércitos protegerá Jerusalém; protegendo, livrando, *poupando* e libertando".

Sobre esse versículo (Is 31:5), o comentarista erudito Delitzsch escreve: "A palavra *pāsōaḥ* (פָּסֹחַ, "passar sobre") lembra de maneira muito significativa a libertação de Israel da escravidão egípcia (como em Is 30:29). O Destruidor poupou os israelitas, quando passou sobre suas portas, de onde vem o nome Páscoa. O procedimento se repetirá mais uma vez. [...] A atitude de Jeová... em relação a Jerusalém é... semelhante à ação das aves que voam em volta e acima de seus ninhos ameaçados".[5] O cônego Clark também comenta essa palavra, dizendo: "Em egípcio, a palavra *Pesh*, que tem correspondência quase igual à palavra Páscoa em hebraico, significa 'estender as asas' e 'proteger'".[6]

Isso dá significado à frase de Êxodo 12:23, que diz: "Passará Jeová por aquela casa e *não permitirá* entrar o Destruidor nas vossas casas para vos ferir" (TB). O grande Destruidor, sendo um príncipe angélico caído, teria entrado em todas as casas, quer tivessem ou não sangue, mas Deus o impediu de entrar nas casas aspergidas com sangue. Por isso, o profeta, ao lembrar-se do passado, disse a respeito de Jeová:

"E se lhes tornou o seu Salvador" (Is 63:8). Ele poupou e salvou com base unicamente no sangue.

Não devemos supor que o método impressionante de preservar uma casa do perigo da morte fosse inédito naquela época. Pelo contrário, era praticado na antiga Babilônia, de onde as raças hebraica e egípcia tinham migrado. Sayce escreve:

> Ainda mais interessante é encontrar no ritual dos profetas instruções para o sacrifício de um cordeiro à porta da casa, cujo sangue deveria ser espalhado nas vergas e umbrais das portas, bem como nas imagens colossais que guardavam a entrada.[7]

Ele mostra que os costumes mais antigos podem persistir através dos tempos, mesmo depois de seu significado ter se perdido, quando acrescentou:

> Até hoje, no Egito, o mesmo rito é praticado. Quando o meu *dahabiah* [barco à vela no Nilo] foi lançado às águas, tive de cumprir com a prática. Nessa ocasião, o sangue do cordeiro foi derramado sobre os lados do convés inferior.[8]

É evidente que nem Moisés, nem um suposto redator ou impostor posterior, inventou essa história para satisfazer algum hipotético propósito religioso. Deus estava renovando, purificando e aplicando um ritual primitivo, que presumimos ter feito parte de um conjunto original de instruções dadas por ele sobre como os homens pecaminosos poderiam receber a

misericórdia divina sem negligenciar a justiça divina. O método da graça era que uma vida tinha de ser sacrificada para que outra fosse poupada; um substituto imaculado morre no lugar do pecador condenado à morte. Surge na história da Páscoa a ênfase mais forte possível sobre o uso do sangue como agente da salvação: "Quando eu vir o sangue", pouparei e preservarei (Êx 12:13).

Portanto, no primeiro caso, o sangue clama por justa vingança, mas no outro, protege da justa vingança.

O sangue de Abel clama
aos céus por vingança,
Mas o sangue de Jesus
clama pelo nosso perdão.[9]

Em 21 de julho de 1914, com o sol egípcio de verão em pleno ardor, encontrava-me sozinho na quietude do deserto entre as casas sem teto e arruinadas de Pitom, a cidade de tesouro construída pelos escravos israelitas cruelmente oprimidos por Faraó. Pude ter ao menos uma pálida ideia da severidade do trabalho dos escravos nesse calor tórrido. Olhando a entrada em ruínas de uma pequena casa de tijolos, ponderei se, talvez, não foram nos umbrais dessa porta que passaram sangue e uma das casas onde Jeová impediu a entrada do feroz Destruidor. Será que o leitor sabe, por experiência pessoal em seu coração, o significado e o poder dos acontecimentos daquela distante e agitada noite? Será que para você tudo não passa de um entre outros assuntos curiosos da antiguidade?

Capítulo 3

O SANGUE DÁ ACESSO A DEUS

ANTES DO AMANHECER, todo o povo redimido de Israel, com seu gado e bens materiais móveis, marchou para a liberdade. O tirano foi exterminado no mar Vermelho e eles entraram na vida de liberdade para andar com Deus no deserto. Embora redimidos e libertados, eles não eram em si mesmos nada diferentes do que sempre foram; defeitos, maus hábitos e cerviz e coração duros ainda existiam. Como poderá o santo Deus suportá-los e abençoá-los? Como serão perdoados os seus pecados no deserto? Exatamente pelo mesmo processo com que foram perdoados naquela noite no Egito.

Deus estabeleceu uma instituição permanente de adoração e serviço, a qual também tinha o sangue da expiação como base legal e sacrificial. Substitutos inocentes deveriam

constantemente perder a vida para redimir a vida humana perdida pelo pecado, e o sangue deles deveria ser aspergido publicamente no altar do holocausto, onde Deus e o pecador se encontravam.

Por ora, o tempo e o povo não estavam maduros para o acesso franco e irrestrito à presença imediata de Deus no Lugar Santíssimo da estrutura física onde ele graciosamente habitava entre eles. A imperfeição seria um dia corrigida, quando o sacrifício adequado para efetuar a eliminação do pecado fosse oferecido para sempre. Uma vez por ano havia a previsão e expectativa da melhor oferta que estava por vir. Havia em Israel uma ordem designada e privilegiada de sacerdotes, cujo chefe, o sumo sacerdote, era o representante religioso oficial de toda a nação. Anualmente, ele tinha o privilégio de puxar para o lado o véu, atrás do qual Jeová habitava em glória, e entrar na Presença santa. Como pecador, ele estava sujeito a morrer ali, pois a Presença de Deus é um lugar fatal para o pecador. Quando entrava, ele levava o precioso sangue da expiação, aspergia-o sobre e diante do propiciatório, em cima do qual brilhava a glória, e era salvo da morte. Nele, todos os que ele representava eram mantidos a salvo.

A necessidade e benefício da expiação anual, diferente e além dos sacrifícios diários, semanais e mensais, eram os seguintes: Os sacrifícios diários, semanais e mensais proporcionavam perdão por todos os pecados que os indivíduos sabiam, confessavam e abandonavam, bem como pela culpa e impureza coletiva e geral. Além da transgressão reconhecida, permanecia a culpa acumulada de múltiplos pecados e faltas que só Deus detectava e que ele tinha de punir. A culpa e impureza teriam impedido que o favor divino sobreviesse aos seres humanos, mas Deus em sua graça tomou

providências para removê-las através da expiação feita no grande dia do ano. O sumo sacerdote impunha as mãos sobre a cabeça do bode que levaria o pecado e confessava sobre ele "todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados; e... assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles para terra solitária" (Lv 16:21-22). E o sangue dos sacrifícios que o acompanhavam era levado para a santa Presença e espargido.

A expiação plenária não permitia que o israelita pecasse voluntariamente[10] e imaginasse que o sacrifício anual o protegeria da pena na qual ele incorreria. Não, ele tinha de fazer tudo o que sabia acerca da vontade de Deus, evitar transgressões conscientes, oferecer todo sacrifício expiatório pessoal prescrito por erros reconhecidos e somente assim suas transgressões, iniquidades e pecados não reconhecidos seriam cobertos pela expiação anual. Para nós, hoje, essa verdade é a mesma que está declarada em 1João 1:6-7:

> Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, *andarmos na luz*, como ele está na luz, mantemos [nós e Deus] comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

Quando sabemos que pecamos, é vão e perverso presumir que a plena expiação do Calvário torna desnecessário que renunciemos o pecado e nos humilhemos, pois em 1João 1:9 a Escritura assegura que "*se confessarmos* os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça". A virtude plenária da morte de Cristo não está

disponível para que o cristão seja descuidado e presunçoso. Em todos os tempos e para todas as pessoas a santidade de Deus exige esta regra inflexível: "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pv 28:13). Ampliaremos este assunto mais tarde.

Capítulo 4

POR QUE O SANGUE SALVA?

MESMO QUE NÃO soubéssemos ou não pudéssemos saber a razão de haver determinado mandamento dado por Deus, ainda assim seria nosso dever e segurança obedecer-lhe. Contudo, Deus quis que os homens compreendessem as exigências e designações divinas. Quando ele ordenou em Israel o sacrifício de sangue, ele explicou o fundamento da exigência. É o que encontramos em Levítico 17.

Ao dar a Noé a antiga proibição de comer carne com sangue, Deus disse que o sangue é a vida da carne. A proibição foi repetida a Israel por Moisés sete vezes (Gn 9:4; Lv 3:17; 7:26-27; 17:10-14; 19:26; Dt 12:16, 23-24; 15:23). Os israelitas, como povo, deviam manter os direitos de Deus cumprindo suas leis, que as outras nações há muito haviam rejeitado, e a lei que proibia comer sangue teve alto destaque e sua nova

promulgação foi enfática. Mais uma vez, Deus declarou solenemente que exigiria a pena de morte de quem desobedecesse: "Qualquer homem da casa de Israel ou dos estrangeiros que entre eles peregrinam que comer sangue, contra ele porei o meu rosto e o cortarei dentre o seu povo"[11] (Lv 17:10, TB).

A base para isso está declarada em três frases concisas:

- "A vida da carne está *no* sangue" (Lv 17:11).
- "Quanto à vida de toda carne, o seu sangue é *uma e a mesma coisa* com a sua vida" (Lv 17:14a, TB).
- "A vida de toda a carne *é* seu sangue" (Lv 17:14b).

Depois de 3.000 anos, as investigações do homem o informaram de que o que o Criador disse a Noé e a Moisés era fato, e que o sangue e a vida são mesmo inseparáveis. Há uma realidade física acerca da noção mantida pelos selvagens de que, bebendo o sangue do inimigo abatido, eles se tornam possuidores do seu vigor e coragem. A transfusão de sangue é mais uma prova de que o sangue e a vida são um.

Quando na terrível noite no Egito se viu sangue ao redor da porta das casas, era prova visível de que, para haver tanto sangue, a morte devia ter ocorrido. A vida fora tirada, a sentença de morte fora executada naquela casa e a justiça impedia que o Destruidor exigisse a pena novamente.

Era essencial que houvesse provas indiscutíveis de que Jesus, o Filho de Deus, o substituto do pecador, tinha morrido. Sem certeza positiva, não poderia haver a garantia de que a pena do pecado fora cumprida e a libertação da morte eterna,

assegurada. As narrativas da crucificação registradas nos Evangelhos fornecem provas claras da sua morte, não deixando base para a sugestão de que, talvez, o Sofredor tenha entrado em coma, tenha sido retirado da cruz apenas aparentemente morto e depois tenha acordado no sepulcro.

Se isso tivesse acontecido, não teria havido morte expiatória e ressurreição que dá vida. Todos nós ainda estaríamos em nossos pecados. Mas, os detalhes dados excluem a ideia. (1) No momento da morte, o Senhor estava forte e consciente, pois ele "clamou em alta voz" (Mt 27:50, NVT; Mc 15:37; Lc 23:46). (2) Ele entregou o espírito por vontade própria, dizendo: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" (Lc 23:46; Mt 27:50; Mc 15:37). (3) Ele inclinou a cabeça por vontade própria; ela não caiu indefesa como no desmaio ou no coma (Jo 19:30). Foi quando o centurião viu que o crucificado "assim expirara", que ele se convenceu de que algo sobrenatural acontecera. Ele tinha visto muitos morrerem, mas nunca desse modo (Mc 15:39). (4) A prova cabal de que o Salvador tinha literalmente morrido foi que, quando o soldado furou o lado de Jesus com uma lança, saiu sangue e água (Jo 19:34). João afirma explicitamente que viu acontecer e testificou a veracidade do fato. Em outra ocasião, ele enfatizou que

> este é aquele que veio por meio de água e sangue, Jesus Cristo; não somente com água, mas também com a água e com o sangue [isto é, não somente pelo poder ou virtude da água, mas também pelo poder ou virtude da água e do sangue]. (1João 5:6)

Claro que o Deus onisciente não precisava de provas visíveis de que o cordeiro fora morto na casa dos israelitas ou que Jesus morrera realmente. Quanto ao último fato, ele recebera de volta o espírito entregue, sem o qual a vida corporal do homem não se mantém.[12] O Governante supremo administra o universo sob observação de homens e anjos, e dentre eles muitos são inimigos e críticos. Não se deve dar motivo para que se queixem de que o governo divino não é sempre e totalmente justo. O homem caído e os anjos caídos estão prontos para reclamar. Adão imediatamente insinuou que Deus era o culpado pela tentação do homem: "A mulher que me deste" me enganou (Gn 3:12). Os descendentes de Adão são muito mais propensos a culpar o Todo-Poderoso quanto à ordem que ele dá aos assuntos humanos. Satanás não hesitou em sugerir que Deus tinha sido indevidamente favorável a Jó, tornando a vida muito fácil para ele (Jó 1:9-11).

Em particular, não se deve permitir que Satanás, como o principal executor da sentença divina de morte ao pecador ("aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo", Hb 2:14), tenha o direito de reclamar que alguns homens são retirados de sua esfera de ação sem fundamentação na lei e contra a justiça. No Egito, o sangue era a prova de que a sentença fora executada e que o Destruidor não tinha o direito de entrar na casa. Assim também o sangue de Jesus liberta da jurisdição do diabo quem crê no Senhor. O crente é transportado da esfera de autoridade do príncipe das trevas para o reino do Filho do amor de Deus (Cl 1:13).

Cristo, por meio da morte, destruiu o poder de Satanás sobre os que creem em Jesus e os livra do pavor da morte. Eles "em Jesus dormem" (1Ts 4:14, ARC) e estão sob seus cuidados e em sua companhia como o ladrão arrependido (Lc 23:43),

pois "morrem no Senhor" (Ap 14:13). O sangue da Vítima é a justificação da verdadeira e bendita libertação através da morte, e a prova de que a morte, a pena do pecado, foi exigida, pois Jesus na cruz se fez responsável (Is 53:7).[13]

Quando a dívida é paga, o oficial de justiça perde o direito de entrada e execução. Se por erro judiciário um inocente fosse punido por um crime, e mais tarde o verdadeiro culpado confessasse ou fosse descoberto, o culpado escaparia da punição. A lei sustentaria que a pena total, tendo sido realmente paga por outro, não poderia ser aplicada outra vez para ser cumprida. E:

Deus não exigirá o pagamento duas vezes;
Primeiro da mão sangrenta do meu Fiador,
E depois novamente da minha.[14]

O sangue é a prova da morte; e a morte liberta da morte. Como diz certo epitáfio de um ex-reitor sepultado na vila de Castle Camps, Cambridgeshire, Inglaterra:

A menos que a morte da morte
Tivesse matado a morte
Por sua própria morte [de Cristo],
A porta da vida eterna teria sido fechada.

Capítulo 5

O SANGUE DE QUEM SALVA?

NA AVALIAÇÃO MORAL da criação, o animal classifica-se abaixo do homem. Se um assassino oferecesse o abate de mil ovelhas ou novilhos para redimir sua vida, a justiça rejeitaria a proposta. Porquanto, "é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados" (Hb 10:4). De Abel em diante, os sacrifícios não tinham virtude salvadora inerente. Na verdade, eles asseguraram um benefício real para o piedoso ofertante: "Jeová atentou para Abel e para a sua oferta;" (Gn 4:4, TB). Com base em tais sacrifícios, Deus fez uma aliança eterna com Abraão (Gn 15:1-21). Por causa do sangue dos cordeiros, ele poupou os primogênitos no Egito (Êx 12:1-13). Deus aceitou o holocausto como expiação pelo ofertante (Lv 1:4), e a garantia do perdão acompanhava a oferta pelo pecado (Lv 4:20, 26, 31, 35; 5:10, 13, 16, 18).

Tendo em vista que a vida oferecida não era um equivalente justo para a vida culpada, a primeira não podia prover à segunda uma redenção completa, e o transgressor, embora perdoado da transgressão, não alcançava uma justiça permanente diante de Deus. Os sacrifícios de animais precisavam ser constantemente repetidos, porque o adorador não adquiria consciência de ter sido completamente limpo do pecado (Hb 10:1-4).

Podemos inferir a inadequação dos sacrifícios pela declaração de Deus a Noé de que nada menos que o derramamento do sangue do homicida expiaria a culpa pelo derramamento do sangue do próximo (Gn 9:5-6). Só a vida humana poderia contrabalançar a vida humana, pois o homem que foi feito à imagem de Deus transcende em dignidade às criaturas inferiores, cuja morte não pode, pela lei, corresponder à morte do homem que a lei exige pelo pecado cometido. É o que ficou claro na lei de Moisés ao compor um longo catálogo de grandes pecados, pelos quais nenhum sacrifício era aceito para livrar o culpado da pena capital. O assassinato, adultério, idolatria, blasfêmia e quebra de sábado estavam entre esses pecados.

O Deus santo permitiu a antiga medida de perdão sem desleixar a justiça, porque ele sabia que, no devido tempo, seria oferecido um sacrifício que portaria a inerente virtude salvadora que faltava em todos os outros sacrifícios. Os sacríficos de animais eram mera antecipação do sacrifício perfeito e dele derivavam os benefícios que traziam. Qualquer desconto do futuro, no caso do homem, é necessariamente especulação, pois ele não pode garantir o futuro. Mas, com Deus, não é assim, pois ele pode realizar o acontecimento sobre o qual ele conta e na expectativa do qual ele age. O Cordeiro

de Deus era conhecido desde antes da fundação do mundo (1Pe 1:20). A certeza absoluta de sua morte expiatória justificou Deus ter "deixado impunes os pecados anteriormente cometidos", ou seja, antes do sacrifício de Cristo no Gólgota (Rm 3:25). Segundo esse princípio, Davi, sob o efeito do arrependimento e confissão, foi perdoado do adultério e assassinato e a pena capital foi dispensada (2Sm 12:13). A paciência de Deus justificava-se única e totalmente pela futura morte expiatória de seu Filho unigênito.

Da mesma declaração de Deus a Noé, podemos ainda inferir que o substituto necessário para o pecador tem de ser o próprio homem, uma vez que só a vida humana responde pela vida humana. Foi o que Deus anunciou no jardim do Éden, quando prometeu que o inimigo do homem seria ferido pela semente da mulher (Gn 3:15). Contudo, um único homem não bastaria, pois só uma vida humana seria redimida por uma vida que fosse apenas humana. Pelo rigor da justiça, um homem poderia substituir somente um homem. Era necessário na lei divina que o Substituto prometido fosse de posição e valor moral que superassem o valor de toda a humanidade, não de um ou de alguns ou mesmo de muitos pecadores, mas que fosse propiciação pelo mundo inteiro (1Jo 2:2). A exigência só poderia ser satisfeita pelo Criador pessoalmente, já que somente ele transcende em dignidade moral toda a sua criação e pode oferecer o indispensável sacrifício pleno. Por isso, Deus em seu amor assumiu a humanidade na pessoa do seu Filho e nasceu de mulher, tornando-se Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Levando em conta que nenhum pecador poderia oferecer a vida para redimir outro pecador, pois a vida de todo pecador já está perdida pelo seu próprio pecado, o Redentor-Homem tinha de ser sem pecado, quer herdado ou cometido. Havia a

necessidade de um nascimento que impedisse que a natureza pecaminosa lhe fosse transmitida e que lhe concedesse uma natureza pura, a qual, sendo sem pecado, poderia viver sem pecar. Nascer de uma virgem pelo ato direto do Espírito de Deus era necessário. Sem a divindade, o Substituto não poderia agir por toda a raça humana; sem a humanidade, ele não poderia representar a humanidade; sem a impecabilidade, ele não poderia expiar os pecadores. Negar qualquer uma dessas características é deixar a raça humana sem Salvador, exposta à justiça inflexível que exige a morte como a pena inevitável e justa do pecado.

Não havia outro suficientemente perfeito
Para pagar o preço do pecado,
Só ele poderia abrir a porta
Do céu e nos deixar entrar.[15]

"Foi de uma vez por todas, agora, no fim dos tempos, que ele se manifestou para abolir o pecado através do seu próprio sacrifício" (Hb 9:26, BJ). De quem é o sangue que salva? "[Vós] fostes resgatados pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo", "no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça [de Deus]" (1Pe 1:18-19; Ef 1:7).

Capítulo 6

A QUEM E A QUE O SANGUE SALVA?

EXAMINEMOS, AGORA, A quem e a que o sangue da expiação salva.

1. Na possibilidade, o sangue salva toda a raça humana, na verdade, a criação inteira. A Bíblia declara que o sacrifício de Cristo purifica as coisas celestiais que foram contaminadas pelo pecado dos anjos (Hb 9:23), e que toda a criação será libertada da maldição que o pecado trouxe (Rm 8:18-25). As regiões celestiais, onde Deus habita, foram contaminadas pelo pecado dos anjos. A contaminação celestial tem seu correspondente terrestre no fato de que os lugares santos do tabernáculo e do templo, onde Deus habitava, tinham de ser purificados anualmente no Dia da Expiação, por causa da impureza ocasionada pelos pecados de Israel (Lv 16:16).

A Bíblia mostra indubitavelmente que o amor de Deus,

que dá a vida eterna aos pecadores, é voltada para "o mundo" (Jo 3:16), e que o Justo é a propiciação não só por aqueles que já creram nele, mas também pelo "mundo inteiro" (1Jo 2:2). É interpretar a Palavra de Deus erroneamente afirmar que a passagem significa que ele é a propiciação pelo mundo *dos eleitos*. Em 1João 5:19, o apóstolo faz o mesmo contraste entre os crentes e as outras pessoas, quando diz: "Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno". Claro que o "mundo inteiro" é a totalidade da raça humana em contraste com os que nasceram de Deus. Quem pensaria em dizer aqui que é o mundo inteiro *dos eleitos* que está na esfera e poder de Satanás?

É contrário à infinita dignidade do Substituto divino imaginar que ele *oferecesse* uma redenção *limitada*. É depreciar a virtude divina do precioso sangue fixar restrição ao seu alcance. Uma vez que o Criador transcende a criação, o sacrifício tem de transcender a necessidade. Portanto, o fato de seus santos intercederem "em favor de todos os *homens*... é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja [θέλω, *theló*] que *todos os homens* [enfático] sejam salvos", para cujo objetivo o único Mediador entre o único Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, "a si mesmo se deu em resgate por todos" (1Tm 2:1-6). Como Anselmo há muito argumentou em uma passagem que citaremos mais adiante: "O pagamento que mais do que cobre a dívida tem de necessariamente comprovar sua remissão completa".

As palavras não poderiam ser mais explícitas. A salvação pelo sangue de Cristo está disponível a todos os homens. Aquele que sabe disso tem forte confiança ao anunciar as boas novas a todos os homens, e também sente que é "devedor" a todos os homens, pois possui um tesouro destinado a cada

homem (Rm 1:14-15).

2. A possibilidade universal torna-se eficaz apenas para as pessoas que se arrependem do pecado e querem ser libertas do seu poder e pena, as quais, para essa finalidade, aceitam pessoalmente o benefício do sangue expiatório do Cordeiro de Deus. O Livro de Oração Comum declara: "Ele perdoa e absolve a todas as pessoas que verdadeiramente se arrependem e, com sinceridade de coração, creem em seu santo Evangelho". Deus não mudou de ideia quanto aos dons e vocação concedidos ao homem (Rm 11:29). Ele respeita invariavelmente a concessão de liberdade de ação dada aos anjos e homens. O homem peca voluntariamente e, portanto, deve arrepender-se e crer voluntariamente. Deus constrange, mas não coage. Ele persuade, mas não força.

Vemos a essência da fé que salva na ação do homem no Egito que aspergiu o sangue protetor ao redor da porta de casa. Ele aceitou a declaração de Deus de que (a) a morte era devida como punição do pecado, (b) a morte seria executada, (c) a morte do substituto seria aceita para a libertação. O temor piedoso e a fé do homem foram demonstrados na obediência à orientação de derramar e aspergir o sangue salvador. Ao fazer assim, ele declarou publicamente o perigo que corria e a fé tida, e Deus atestou-lhe a fé ao conceder a libertação. No nosso caso também é assim:

> Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. (1João 1:9)
>
> Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os

> mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. (Romanos 10:9-11)

A obediência é a essência da fé. O evangelho exige "obediência por fé" e fala que "muitíssimos sacerdotes *obedeciam* à fé" (Rm 1:5; At 6:7). A salvação inclui forçosa e primordialmente a libertação da vontade não subjugada. Só a obediência pode provar a fé salvadora. Deus *ordena* a todos os homens, em toda parte, que se arrependam, creiam em seu Filho e amem uns aos outros (At 17:30; 1Jo 3:23).

Capítulo 7

BENEFÍCIOS ASSEGURADOS PELO SANGUE

IREMOS VER AQUI certos benefícios que o sangue da expiação adquiriu.

Expiação

O benefício principal e mais básico do sangue da expiação é que ele expia. Falando sobre ele, Deus disse: "Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma [vida], porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida", com a qual tudo está unido (Lv 17:11).

A palavra hebraica traduzida por "expiação" traz a ideia

de "cobrir". A arca foi coberta com betume: "E cubra-a com betume por dentro e por fora" (Gn 6:14, NVT), onde as mesmas palavras hebraicas traduzidas pelo substantivo *betume* e pelo verbo *cobrir* são as mesmas usadas para traduzir "expiação" e "expiar". O que é coberto fica escondido da visão, tornando verdadeiro o ditado: "Longe dos olhos, longe do coração".

A mesma ideia é expressa por outra palavra hebraica que significa "borrar" e, portanto, apagar um registro. É usada de modo negativo e positivo como sentença de julgamento. Positivamente: "Na próxima geração, *apague-se* o seu nome" (Sl 109:13, TB), e negativamente: "*Não se apague* o pecado de sua mãe" (Sl 109:14).

Em Neemias 4:5, a expressão hebraica traduzida por "não se risque diante de ti o seu pecado", é paralela a outra palavra hebraica que significa "cobrir... não cobrir a sua iniquidade". Essa palavra hebraica para referir-se a "cobrir" traz a ideia de uma roupa que cobre e, portanto, esconde a pessoa que a usa. É de significado semelhante à palavra hebraica anteriormente mencionada para aludir a "cobrir" ou "tornar não visível", e é usada em Isaías 44:22 em conexão com outra ideia, a saber, esconder algo da visão de alguém: "*Apaguei* as tuas transgressões como a névoa e os teus pecados, como a nuvem; volta-te para mim, porque te remi" (TB).

Na ideia tripla de esconder o pecado da visão de alguém, temos: o betume escondeu a madeira da arca, a tinta borrada no livro esconde o registro do pecado, a nuvem esconde a terra da visão de alguém que olha do topo da montanha. Por palavras e imagens mentais, Deus esforça-se em encorajar o pecador arrependido e crente a ter certeza de que ele remove a culpa que impede a comunhão e exige punição. É o sangue da expiação que realiza essa mudança salvadora na posição da

pessoa diante de Deus.

A primeira das palavras mencionadas para referir-se a "cobrir" tem aplicação única. Uma de suas formas é usada exclusivamente em relação à tampa de ouro puro que cobria a arca da aliança no lugar santíssimo. Ela escondia da vista as tábuas da lei, que o homem quebrara e que clamavam contra ele por vingança. A tampa chamava-se "propiciatório" (Êx 25:17 e mais vinte e seis vezes).

Na Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento (LXX) usada por Cristo e os apóstolos, a palavra foi traduzida por *hilastérion* (ἱλαστήριον), palavra usada no Novo Testamento para referir-se a "Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como *propiciação*, mediante a fé" (Rm 3:24-25). Em 1João 2:1-2, é usado um cognato, que diz que "Jesus Cristo, o Justo... é a *propiciação* pelos nossos pecados". Portanto, a verdadeira cobertura que realmente esconde a ira da lei de Deus é o seu Filho, cuja natureza divina foi tipificada pelo ouro puro do qual foi feito o propiciatório da arca.

A palavra hebraica traduzida por "cobrir" é equivalente à palavra grega traduzida por "propiciar", usada na Septuaginta e no Novo Testamento. O fato mostra que a verdade da expiação está no Novo Testamento, embora a palavra não esteja.

Ainda que o propiciatório de ouro escondesse suficientemente da vista as tábuas da lei, ela não protegia os pecadores do julgamento de Deus, pois não é o ouro, mas o sangue que mostra que a morte, a pena completa do pecado, foi executada e a lei quebrada foi reparada. O propiciatório de ouro tinha de ser aspergido anualmente com o sangue da expiação que apagava o registro dos pecados do povo e os escondia da vista de Deus, como a nuvem esconde a paisagem,

sendo prova visível de que os pecados foram expiados com a pena equivalente.

A divindade de nosso Senhor não podia por si só salvar os pecadores, pois não era em nada igual à vida perdida dos homens. Era indispensável que ele, sendo Deus, se tornasse homem a fim de satisfazer toda a exigência legal de Deus de que a morte é o resultado do pecado. Portanto, como diz a passagem citada de Romanos 3:25: "A quem Deus propôs... [na virtude do] seu sangue, como propiciação".

O sumo sacerdote de Israel só podia colocar-se em segurança no lugar santo pela virtude do sangue que cobria os pecados do povo. Cristo, pela graça, assumiu a responsabilidade legal pelos nossos pecados e, enquanto os levava, foi separado da presença de Deus e constrangido a bradar: "Por que me desamparaste?" (Mt 27:46). Sua morte quitou a pena para ele e para nós. Seu sangue derramado provou que a pena foi cumprida, e foi na virtude do seu sangue que ele entrou uma vez por todas no Santo dos Santos no próprio céu, tendo obtido pela morte uma redenção de validade e virtude eternas (Hb 9:12).

O sangue precioso cobre para sempre os pecados daqueles que verdadeiramente se arrependem e creem sem fingimento. Com base nessa aceitação, Deus coloca suas leis em seus corações como regra de vida e as escreve em suas mentes como luz moral e instinto do dever. Acerca desses, ele diz: "De nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades" (Hb 10:15-18). Bem-aventurado é aquele cuja iniquidade é perdoada e cujo pecado é coberto (Sl 32:1), pois estão escondidos dos olhos de Deus, como o corpo é escondido pela roupa. Preciosa é a expiação, o sangue de Cristo que cobre, pois é a única coisa que pode esconder algo da onisciência e

fazer a mente infinita não se lembrar.

Propiciação

A expiação também contém esta característica relacionada à salvação: propiciação. É palavra usada no Novo Testamento para referir-se a certas palavras gregas com o significado de "expiação", as quais foram usadas pela Septuaginta para traduzir palavras hebraicas. Assim, a verdade expressa pela palavra "propiciação" encontra-se em toda a Bíblia. A verdade é que, com base no sacrifício expiatório, o Santo é propiciado, satisfeito e capacitado para ter uma atitude favorável para com o culpado que, caso contrário, teria sido rejeitado e punido.

Nosso Senhor descreveu um coletor de impostos que chegou à entrada do templo, ficou humildemente a certa distância, expressou arrependimento batendo no peito, reconheceu sua completa iniquidade e suplicou à misericórdia divina, clamando: "Ó Deus, sê *propício* a mim, um pecador!" (Lc 18:13). No altar de bronze diante dele, e entre ele e o Deus santo, estava sendo consumida no fogo do julgamento a vítima inocente que morrera por causa dele. O significado da oração era: "Ó Deus, com base na morte do meu substituto seja *favorável* a mim!". A escolha da palavra "propício" mostrou que sua oração foi inteligente.

A súplica foi atendida porque o cordeiro lembrava a Deus do seu Cordeiro, que em breve morreria pelos pecados do cobrador de impostos, e que o faria por expressa provisão de Deus, pois foi ele que enviou Cristo para ser "propiciação pela fé no seu sangue" (Rm 3:25, ARC). O Filho de Deus tornou-se:

> Misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. (Hebreus 2:17)
>
> Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro. (1João 2:2)
>
> Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. (1João 4:10)

Jesus é a realidade divina tipificada pelo propiciatório[16] no tabernáculo e no templo, onde outrora o sangue da expiação era aspergido para assegurar a segurança de Israel e o contínuo favor e presença de Deus.

Reconciliação

A oração do coletor de impostos: "Ó Deus, sê propício *a mim*", foi uma súplica por mudança de atitude da parte de Deus para com ele. Propiciação traz reconciliação. O substantivo e o verbo grego (καταλλαγή, *katallagé* e καταλλάσσω, *katallassó*), traduzidos por "reconciliação" no Novo Testamento, não são usados na Septuaginta em relação à expiação, mas no Novo Testamento estão claramente bem relacionadas. As passagens são:

> Porque, se nós, quando inimigos, fomos *reconciliados* com Deus

> mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já *reconciliados*, seremos salvos ["mantidos em segurança", Moule] pela sua vida; [...] por intermédio de quem recebemos, agora, a *reconciliação*. (Romanos 5:10-11)
>
> Ora, tudo provém de Deus, que *nos reconciliou* consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da *reconciliação*, a saber, que Deus estava em Cristo *reconciliando* consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da *reconciliação*. (2Coríntios 5:18-19)

As declarações evidenciam que: (1) Deus é o Reconciliador; (2) Cristo é quem efetua a reconciliação; (3) é pela morte de Cristo que ele efetuou a reconciliação; (4) o alcance da reconciliação é universal e cósmico (κὀσμον καταλλάσσων, *kosmon katallassōn*, "reconciliando [o] mundo", 2Co 5:19); (5) o evangelho é a proclamação e o apelo da reconciliação; (6) o indivíduo deve beneficiar-se pessoalmente da reconciliação, reagindo à mudança de atitude em Deus, a qual foi possibilitada pela morte de Cristo.

O significado da palavra grega é exato. Em 1Coríntios 7:11, temos o ensino de que a mulher cristã que vive longe do marido deve permanecer solteira "ou que se reconcilie com seu marido". A mudança de coração é indicada pelo uso do mesmo verbo grego na Septuaginta em Jeremias 48:39a: "Como ele *mudou* [κατήλλαξε, *katēllaxe*]. Como virou as costas Moabe",[17] o antigo espírito ousado e corajoso deu lugar ao pavor e à fuga. A palavra grega é o equivalente do latim *permutatis* ("permutação"), que incluía a mudança de sentimento, a atitude de alteração de uma pessoa para com a outra.

Semelhantemente, Deus e o homem mudaram de coração

um para com o outro pela ação mediadora e morte do Filho de Deus. Quando o homem percebe tal amor e graça divina, ele muda a desconfiança em confiança, a inimizade em amor, a rebelião em obediência. Da parte de Deus, a satisfação prestada por Cristo à sua lei em favor do homem remove o justo descontentamento e a santa rejeição concernente ao pecador, que foram a reação inevitável do Santo com relação ao pecado humano.

É fácil entender essa mudança no homem, mas alguns recusam-se a admitir a mudança em Deus, pois enfatizam que ele é sempre bem-intencionado para com o homem e ama o pecador, apesar de odiar o pecado. A palavra grega inclui indiscutivelmente essa mudança em Deus, pois é usada quatro vezes no grego do livro apócrifo de 2Macabeus. Vejamos: "[Deus] *reconcilie-se* convosco e não vos abandone no tempo adverso" (2Mc 1:5, BJ); "Pela *reconciliação* do grande Soberano, foi restaurado em toda a sua glória" (2Mc 5:20, BJ); "O Senhor... novamente *se reconciliará* com os seus servos" (2Mc 7:33, BJ); "Pediram ao Senhor misericordioso que *se reconciliasse* plenamente com os seus servos" (2Mc 8:29, BJ).

Tampouco essa mudança em Deus foi uma nova concepção ou algo limitado ao pensamento hebraico, grego ou latino. Nos tempos do antigo Egito, um suplicante chamado Mes-em-Neter converteu-se de coração e, deixando os falsos deuses, orou desta forma ao Deus da retidão e da verdade:

> Vede, Deus tem vergonha de mim, mas que as minhas faltas sejam lavadas e caiam sobre ambas as mãos do Deus da retidão e da verdade. Dá um fim total à transgressão que está em mim, com [minha] maldade e pecaminosidade, ó Deus da retidão e da verdade. Que esse Deus esteja em paz comigo!

> Elimina totalmente os obstáculos que estão entre ti e mim. [...] Permite que eu te traga as ofertas que farão a paz [entre ti e os homens] na qual tu vives; e que eu também nela viva. Faze a paz comigo, e tira de mim toda a vergonha que tu tens em teu coração por causa de mim.[18]

Esta oração notável provém de um período mensurável após o dilúvio. Mostra que havia entre os homens lembrança do verdadeiro Deus, de seu caráter e exigências. O suplicante estava ciente de sua maldade e pecaminosidade, as quais eram obstáculos à comunhão com Deus, mas ele sabia que havia sacrifícios que podiam removê-las e estabelecer a paz entre Deus e os homens. Ele sabia também que o Deus da verdade tinha vergonha dele, o pecador, e ele desejava que essa vergonha por sua causa fosse removida do coração de Deus. Contudo, isso só poderia ser realizado por um ato de Deus.

O suplicante dos tempos antigos, que vivia em uma terra pagã e vil, sabia muito bem que era preciso induzir uma mudança em Deus para com ele, o pecador, e que eram necessárias ofertas para remover completamente sua maldade e transgressões. Isso é paralelo extremo à declaração a respeito de Jeová que, ao contemplar a corrupção e a violência dos homens antes do dilúvio, *ele mudou de opinião* quanto a ter criado o homem e ficou de coração triste (Gn 6:5-6). Foi uma mudança de coração em relação ao dia em que ele viu que tudo o que tinha feito era muito bom e foi uma mudança que resultou na destruição da raça humana não arrependida.

O aparente mistério é resolvido pela afirmação: "Ora, se [o] invocais como Pai, [lembrai-vos de que ele,] sem acepção de pessoas, *julga* segundo as obras de cada um" (1Pe 1:17). Deus é Pai e Juiz. Na relação mais elevada, ele é o Pai celestial

daqueles que nasceram de novo do seu Espírito mediante a fé no seu Filho. No sentido criacional, ele é o Pai, a causa da existência de todos os espíritos (Hb 12:9; Ec 12:7). Isso inclui todas as ordens de seres, tanto celestiais como terrestres, pois dele "se deriva toda a paternidade nos céus e na terra" (Ef 3:15, NVI, nota de rodapé), que foi o pensamento de Paulo ao aproximar-se do Pai em oração.

Ainda nesse sentido, Deus, o Pai de todos, ama com afeição divina todas as almas que ele fez, pois é de sua natureza agir assim. Por outro lado, como Regente e Juiz de todos e para o bem de todos, "Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias" (Sl 7:11). Ele não pode agir de outra maneira no tocante a qualquer conduta e nenhuma conduta exclui a outra. É a verdade que Pedro ressaltou aos filhos de Deus em Cristo, a quem ele estava escrevendo.

Sabemos de casos em que juízes humanos engrandeceram a lei e a tornaram confiável quando multaram os culpados de acordo com a lei e, gratificando seu instinto inato de misericórdia, pagaram a multa. Como humano, tal juiz é misericordioso de coração; como justo, sua mente contrapõe-se ao criminoso. O pagamento da multa muda sua atitude justa e libera a qualidade da misericórdia, de modo que, sem falhar com a justiça, ele perdoa o ofensor. A satisfação da lei feita pelo pagamento voluntário reconcilia-o *como juiz* com o infrator da lei, contra quem o seu coração *como juiz* era terminantemente antagônico.

Mencionei acima (item 4) que a reconciliação afeta o *cosmos*, pois "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2Co 5:19). O fato implica que a mudança aqui retratada é da parte de Deus, já que o *cosmos*, seja totalmente universal ou a humanidade inteira, não é uma entidade

comum com um único coração capaz de efetuar uma mudança coletiva de sentimento para com Deus. Mas o sacrifício do Deus-Homem, sendo de validade universal, dá ao universo coletivamente um novo aspecto diante de Deus e assegura a mudança de tratamento da justiça estrita para a oferta de misericórdia. Como já exposto no capítulo 6, "A Quem e a Que o Sangue Salva", a oportunidade universal de misericórdia beneficia cada indivíduo somente através da fé individual.

A Escritura diz que o Cordeiro de Deus "tira o pecado do mundo [κόσμος, *kosmos*]" (Jo 1:29). Se isso não for universal, então essa região do universo não afetada irá permanecer para sempre contaminada e não reconciliada. Sem o sangue de Cristo, os céus, nesse caso, irão permanecer para sempre imundos aos olhos de Deus, o que é contrário ao ensino de Hebreus 9:23, que mostra que o Santo Lugar em Israel, que tipificava a habitação de Deus, foi purificado pelo sangue aspergido.

Precisamos manter em mente as palavras de Robert B. Girdlestone:

> Quando falamos de Cristo reconciliar seu Pai conosco (veja o segundo artigo dos Trinta e Nove Artigos da Religião), não devemos imaginar um Juiz irado sendo propiciado por um Filho benevolente. Isso seria deturpação total da fé cristã. Antes, devemos considerar que o Filho foi enviado pelo Pai para morrer pelos pecados do mundo, a fim de remover a barreira que impedia a livre ação do amor divino no coração do homem.[19]

Griffith Thomas afirma com razão:

Existe unanimidade prática entre os estudiosos de que a reconciliação segundo Paulo significa mudança de relação da parte de Deus para com o homem, algo feito por Deus para o homem, que modificou qual seria sua atitude para com o pecador. A reconciliação é muito mais do que mudança de sentimento da parte do homem para com Deus, e deve implicar primeiramente em mudança de relação de Deus para com o homem. É o que o Artigo [nº II dos Trinta e Nove Artigos da Religião] pretendia expressar pela frase: "Para reconciliar seu Pai conosco".

Se alguém disser que tal mudança em Deus é impensável, podemos responder que, até no perdão, se quisermos entendê-lo corretamente, tem de haver uma mudança de atitude, pois Deus não pode manter a mesma atitude antes e depois do perdão.[20]

Comentando a passagem de 2Coríntios 5:18, já citada por nós, Alford escreveu:

Observe que a reconciliação mencionada neste e no versículo seguinte é a que vem de *Deus para nós* absoluta e objetivamente por meio de seu Filho. É aquela pela qual ele pode complacentemente contemplar e suportar um mundo pecaminoso, e receber todos os que vêm a ele por meio de Cristo. Já a reconciliação subjetiva — *dos homens com Deus* — sucede como questão de exortação (2Co 5:20).[21]

Em sua exposição a Romanos 5:10, Moule diz:

> Quando éramos hostis às reivindicações divinas e sujeitos ao castigo da sua lei, *fomos reconciliados com nosso Deus através da morte do seu Filho*. (Deus veio fazer a paz judicial conosco e fomos levados à paz submissa com ele.)[22]

E em destacada nota de rodapé a Romanos 12, ele acrescenta:

> Καταλλάσσειν (*katallassein*) e καταλλαγή (*katallagē*). Há quem sustente que essas palavras gregas denotam "reconciliação" no sentido de o homem deixar de lado sua desconfiança, relutância e resistência a Deus, e não de Deus deixar de lado seu descontentamento santo com o homem. [...] Mas o substantivo καταλλαγή (e seu verbo) é usado no grego dos livros apócrifos para descrever a ideia da clemência de um rei induzido ao perdão. [Ocorre em duas das passagens de 2Macabeus supracitadas: 2Mc 1:5; 5:20.] [...] E não há lugar no Novo Testamento em que o significado *conciliação da parte ofendida* não combine bem com καταλλάσσεσθαι (*katallassesthai*). Caso contrário, a presente passagem (Rm 5:10-11) não teria praticamente sentido. A ideia toda é de misericórdia divina, que proporciona uma maneira de aceitar a graça.[23]

As passagens em 2Macabeus apoiam a declaração de Moule de que as palavras gregas *trazem* consigo a ideia de Deus ser reconciliado com o pecador. Sua observação de que isso está implícito em Romanos 5:11 é correta, pois a

reconciliação não é apresentada nesse versículo como algo forjado no homem, mas como algo que o homem "recebe" como benefício oferecido para a fé aceitar. Em Romanos 5:10, o outro aspecto está em vista: "[*Nós*] fomos reconciliados *com Deus*", embora possa significar que nós, seus inimigos, fomos feitos aceitáveis a Deus "mediante a morte do seu Filho".

Sobre as palavras gregas *katallagē* e suas variantes, Henry P. Liddon escreveu que elas devem ser tomadas passivamente, não meramente ou principalmente ativamente:

> A reconciliação é realizada no coração dos homens e também no coração de Deus. Os homens estão reconciliados com Deus em Cristo em tal sentido que Deus, vendo-os em união com o seu Filho amado e perfeito, abandona sua justa ira acendida pelos pecados humanos e aceita os homens no favor e bênção divinos. Essa fé constante da igreja foi cientificamente desenvolvida por Anselmo de Cantuária em sua obra *Cur Deus Homo* (Por que Deus se Fez Homem?).[24]

A conclusão da demonstração de Anselmo é dada no capítulo 20 de seu livro:

> E quanto à misericórdia de Deus, que a ti parecia que te ias perecer quando considerávamos a justiça de Deus e o pecado do homem, a encontramos tão grande e tão conforme a justiça, que não se pode pensar nada nem maior ou mais justo. Pois, o que se pode pensar de mais misericordioso que a um pecador condenado aos tormentos eternos, e sem ter com que redimir-se, Deus Pai lhe diga: "Receba a meu Unigênito e o ofereça por

ti", e o Filho, por sua vez: "Toma-me e redima-te"? Isto é o que nos diz quando nos chamam à fé cristã e nos trazem a ela. E que coisa há mais justa do que [Deus Pai] perdoar toda dívida àquele que paga [pelo Filho], se se dá com o devido afeto, um preço maior que toda dívida?[25]

Liddon acrescenta:

Embora seja verdade que a natureza essencial de Deus é amor imutável, o pecado tem obstruído e impedido a ação viva do amor de Deus no mundo humano. O amor de Deus é idêntico à sua justiça. Mas, o pecado produziu uma aparente antítese entre esses atributos. Ainda que Deus eterna e imutavelmente ame o mundo, sua relação real com ele é de oposição, porque a unidade de seus atributos é perturbada e a ação do seu amor *ad extra* [àquilo que está fora de seu próprio ser] é restringida pelos pecados. A ὀργὴ τοῦ Θεοῦ [*orgē tou Theou*, "ira de Deus"] é expressão que implica que, em virtude das necessidades eternas do seu ser, a relação de amor de Deus com o mundo humano é insatisfeita, devido à ação do pecado, pois o pecado contradiz a natureza essencial divina.

Não é, então, o seu caráter imutável, mas a sua relação (produzida pelo pecado) com o mundo dos homens, que é afetada pela καταλλαγή [*katallagē*, "reconciliação"]. Nenhum mero homem poderia afetar essa relação por sua conduta pessoal. Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus, que também como modelo ou homem ideal representou toda a raça humana, pôde e estabeleceu pela expressão consumada de sua obediência na cruz uma nova relação entre a manifestação ativa do amor de Deus e todos aqueles que, pela fé, estão

associados com o seu supremo autossacrifício.[26]

Bem-aventurado é quem sabe que, por sua alegria pessoal em Deus, foi reconciliado com ele pela morte do seu Filho. Feliz é o homem que pode cantar as linhas exultantes e empolgantes de Wesley:

Meu Deus foi reconciliado,
Ouço sua voz perdoadora;
Ele me tem por seu filho,
Eu posso não mais temer;
Com confiança agora me aproximo,
E Pai, Aba, Pai!, eu clamo.[27]

Perdão

O perdão é outro elemento que descreve a salvação. A antiga aliança repetia muitas vezes a promessa dada por Deus ao pecador de que, depois de este ter oferecido o sacrifício indicado e o seu sangue aspergido, o sacerdote faria expiação por ele e ele seria perdoado (Lv 4:20, 26).

Sob o regime da nova aliança, escrita para a segurança do crente, vigora que "no Amado... temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça [de Deus]" (Ef 1:6b-7). Agora, o criminoso que o rei perdoa não é executado.

Justificação

O sangue expiatório de Cristo assegura mais do que o perdão; assegura também a justificação.

> Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, [...] para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. (Romanos 3:24-26)

Um juiz pode declarar que o homem que está diante dele foi justificado pela lei quando fez o ato em questão, ou seja, que ao fazê-lo, ele agiu dentro do seu direito legal e é justo perante a lei. Mas, o juiz não pode declarar justo o homem que violou a lei, até que ele satisfaça plenamente a lei, cumprindo a pena total pela transgressão cometida. O falido pode assegurar a liberação de outros processos judiciais para recuperar as dívidas, mas o registro de que ele não pagou suas obrigações opõe-se a ele e o seu caráter fica arruinado perante a lei. Ele é dispensado do pagamento, porque ele não tem recursos para repassar aos credores, mas a lei não o absolve por não ter pago o que devia. Mas, depois de pagar as dívidas integralmente com juros, o protocolo da corte, a saber, o registro oficial de tudo que foi dito durante o seu julgamento é arquivado, a inadimplência anterior é cancelada e, a partir daí, ele é considerado pela lei como homem justo, como se nunca tivesse sido inadimplente. Semelhantemente, é o que ocorre se outra pessoa fizer por ele o pagamento integral. O registro adverso é *apagado* e a condição anterior não é mais lembrada judicialmente.

Isso é justificação. O falido obtém nova e perfeita posição perante a lei. É claramente mais do que simples perdão. A dívida pode ser perdoada e o credor sofre a perda, mas isso não coloca o devedor no mesmo nível moralmente satisfatório, como se ele nunca tivesse deixado de pagar as dívidas, ou que ele ou um mediador ou um fiador tivesse satisfeito o credor com o pagamento integral.

Os sacrifícios oferecidos quando a lei de Moisés vigorava só podiam prover ao pecador o perdão. Não compensavam adequadamente a lei divina que fora infringida e os pecados mais hediondos não estavam ao alcance do sistema sacrificial. Somente o sangue do Filho de Deus poderia satisfazer plenamente as reivindicações de Deus. Portanto, havendo Cristo morrido, a gloriosa proclamação foi feita:

> Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio *deste*; e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés. (Atos 13:38-39)

Contra alguém que a lei declarou justo não há procedimento que tenha eficácia para declarar o contrário.

Remissão

A passagem citada acima menciona a remissão de pecados. Vemos a força da palavra na frase comercial "fazer uma remessa", enviar algo para outra pessoa e lugar. No Dia

da Expiação anual em Israel, os pecados do povo eram cerimonialmente transferidos para o bode vivo, que era enviado do acampamento para o deserto, e "aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles para terra solitária" (Lv 16:21-22).

No cumprimento do tipo, o santo portador dos pecados entrou nas trevas quando foi abandonado por Deus e levou os nossos pecados para aquele lugar solitário. "Sem derramamento de sangue, não há *remissão*" (Hb 9:22), mas em Cristo "temos a redenção, pelo seu sangue, a *remissão* dos pecados, segundo a riqueza da sua graça" (Ef 1:7) pois ele é "o Cordeiro de Deus, que *tira* o pecado do mundo" (Jo 1:29), visto que ele "uma vez se manifestou, para [tirar e levar] o pecado [para longe][28] pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9:26, ARC).

O locador, às vezes, sabe que os inquilinos não podem pagar o aluguel e decide ele próprio arcar com a perda. Ele "remete" tudo ou parte do que é devido. Ele sofre a perda e eles escapam do pagamento. Deus em Cristo sofreu por nossos pecados e estes foram remetidos. Pela fé no anúncio de Deus dessa remissão, recebemos a certeza de salvação, pois o mensageiro do Senhor é enviado "para dar ao seu povo conhecimento da salvação, na *remissão* dos seus pecados" (Lc 1:77, ARC).

Redenção

Outro benefício garantido pelo sangue da expiação é a redenção. O israelita podia hipotecar a casa, a terra ou as plantações, mas a lei lhe dava o direito de redenção. Ele podia até ter dedicado um campo a Jeová, mas o direito de redenção

lhe era concedido. Podia também hipotecar a liberdade e o trabalho e tornar-se escravo. Em alguns casos, seu parente mais próximo era obrigado por lei a redimi-lo. Os regulamentos estão em Levítico 25 e 27, e vemos os procedimentos para redimir a terra na agradável história de Noemi e Rute. O parente que fazia a redenção era conhecido como *goel*, o parente-redentor, e foi precursor daquele que se tornou homem para redimir os homens.

A essência de todas essas transações antigas e modernas é que um indivíduo ou artigo estava sob controle de alguém, ou seja, passara para a escravidão de outra pessoa, e o redentor libertava-o desse controle e lhe restaurava a liberdade. A libertação só podia ser efetuada mediante o pagamento de um preço adequado.

A principal palavra neotestamentária para referir-se a essa transação (λὐτρον, *lutron*) significava originalmente libertar mediante resgate os cativos que foram levados em guerra ou por ladrões e, em seguida, alforriá-los. Foi o que Cristo fez quando, tendo pela encarnação se tornado nosso parente, agiu como nosso Parente-Redentor e deu "a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20:28; Mc 10:45). Nenhum preço menor poderia redimir nossa vida da perdição e nada mais poderia ser exigido. O homem está em tripla escravidão: (a) A seus pecados, que o escravizam; (b) à lei de Deus, que o condena por seus pecados; e (c) à morte, como pena. É dessa escravidão que Cristo liberta quem nele crê.

1. Em Tito 2:13-14a, lemos que o "nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus... a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade", ou seja, das próprias iniquidades e não apenas de suas consequências. Esse é o ponto central da primeira afirmação a respeito de Jesus

encontrada no Novo Testamento: "Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos *pecados deles*" (Mt 1:21).

2. O texto de Gálatas 3:13 fala da maldição da lei pronunciada sobre todos os que desobedecem aos seus preceitos e inclui a sentença de morte. Mas, "Cristo nos resgatou [redimiu] da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro" (ARC).

Pelo pecado, todo homem enquadra-se nessa terrível condenação da lei de Deus, mas Cristo, em maravilhosa graça e condescendência, consentiu em nascer "sob a lei, para resgatar [redimir] os que estavam sob a lei" (Gl 4:4-5). No original grego, não há o artigo; diz apenas "sob lei" e não "sob *a* lei", como se estivesse se referindo à lei mosaica. Cristo nasceu sob lei, para redimir os que estavam sob lei. O versículo 8 mostra que a passagem foi dirigida aos gentios idólatras e não apenas aos judeus: "Outrora... [vós] servíeis a deuses que, por natureza, não o são". Todos os homens estão sujeitos à lei de Deus, a qual determina que a morte é a pena pelo pecado.

3. Em Gálatas 3:13 e 4:4, é usada uma palavra grega diferente para referir-se a resgatar ou redimir. É *exagorazó* (ἐξαγοράζω), a qual transmite dois pensamentos: (a) A *publicidade* da transação, pois o radical *agorazó* (αγοράζω) significava comprar no mercado aberto (*agora*, αγορά, "mercado"); e (b) a *completude* da compra, pois o prefixo *ex* (ἐξ) dá a ênfase de nossa frase: "Eu comprei dele, adquiri toda a sua parte na empresa". Portanto, o sacrifício feito por Cristo liberta o crente totalmente das garras da lei ultrajada, ao satisfazer a plena exigência da lei em relação ao pecador.

O mesmo verbo grego encontra-se em outras partes do

Novo Testamento, como em Efésios 5:16 e Colossenses 4:5 (ARC), na expressão "remindo o tempo". Seja a que custo for em termos de cuidado e sacrifício, é o crente, que foi remido do pecado e da desgraça, que tem de remir cada minuto de ser malgasto e desperdiçado. É ele que deve comprar todas as oportunidades para fazer a vontade de Deus.

4. A ideia acima nos leva a considerar a quarta esfera e aspecto da redenção que Pedro nos apresenta:

> Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados [λὐτρον, *lutron*] *da vossa vã maneira de viver* que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado. (1Pedro 1:18-19, ARC)

Os homens em todos os lugares pensam que é natural e suficiente viver como viveram seus antepassados. Imaginam que não há virtude na mudança por si só. Mas, o cristão está sob a sagrada e imperiosa obrigação de lembrar que os caminhos do homem não são os caminhos de Deus (Is 55:8-9) e que nada que se origine do sistema de vida do mundo provém de Deus (1Jo 2:16). Seguir o caminho que nossos pais tomaram é perder o caminho de Deus, ter uma "vã maneira de viver" que não produz verdadeira satisfação agora e cuja vaidade se tornará evidente quando o mundo passar e os pecadores só conseguirem dizer:

Meus dias são uma folha amarela,
As flores e frutos da vida se foram

O verme, a ferida e a dor
São unicamente meus.[29]

O Filho de Deus derramou seu precioso sangue para nos salvar desse lamentável destino. Comprou-nos da condição miserável de escravos, para que vivêssemos dignamente para ele e pela eternidade. O escravo redimido que continua a viver como escravo é falso para consigo mesmo e para com seu Redentor.

Na redenção há escravidão, compra e liberdade, e obviamente a ênfase principal está na liberdade. De modo algum, o pensamento de Deus era que o sangue do cordeiro pascoal meramente livrasse Israel do Destruidor e depois deixasse os redimidos ainda escravos no Egito. A mensagem de Deus dizia: "Desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel" (Êx 3:8). Na época, a expressão "terra que mana leite e mel" era frase proverbial para aludir à produtividade abundante, o exato oposto do deserto. As Escrituras dão mais explicações sobre o objetivo e não sobre o preço e o processo da redenção. Na verdade, o custo infinito foi declarado: o precioso sangue de Cristo, mas a ênfase recai sobre o resultado pleno da redenção.

Nosso Salvador Jesus Cristo nos redimiu de toda iniquidade (a vida passada) para que consequentemente ocorresse um efeito, a saber, "purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras" (Tt 2:14). Pedro ensina que a nossa redenção pelo sangue do Cordeiro de Deus exige que cinjamos os lombos da nossa mente, sejamos sóbrios e ponhamos nossa esperança inteiramente na graça que nos está sendo trazida (ou seja, o processo divino já está em

andamento) na revelação de Jesus Cristo (1Pe 1:13). A santidade presente é o caminho para a glória futura, que alcançarão aqueles que passam firmemente pelo deserto até chegar a Canaã.

Moisés foi enviado por Deus a Israel "como chefe e redentor [λυτρωτής, *lutrótés*]" (At 7:35, BJ). Aqueles que se submeteram a Moisés como chefe, obedecendo às suas instruções e seguindo a sua liderança, foram livrados e soltos. A redenção que traz primeiro o perdão das transgressões tem como meta o dia da redenção, e exige que não entristeçamos o bendito Espírito Santo, cuja habitação é o selo do direito de propriedade de Deus com vistas à redenção.

A redenção é um fato passado quanto à questão da compra, mas também é uma esperança futura quanto ao desenvolvimento pleno (Ef 1:7, 14; 4:30). Pode ser que Paulo quisesse lembrar aos crentes efésios um costume que havia no porto de Éfeso. Um negociante ou construtor comprava madeira, pagava o preço que a liberava da propriedade do vendedor e adquiria para si esse direito de propriedade. Em seguida, selava cada prancha com seu selo e, no devido tempo, ele ou seu agente apresentava o selo e retirava a madeira. O pagamento do preço de compra era vital, mas o objetivo do comprador era a posse e uso pessoal.

Da mesma forma, em Romanos 3:24, a redenção está relacionada com a justificação, mas em Romanos 8:18-25 olha para o alvo, quando o corpo será libertado da atual fragilidade e sofrimento e, na liberdade e glória celestiais, será uma casa adequada para os filhos de Deus. O Espírito de Deus que habita em nós é as primícias dessa sublime consumação e nos dá um antegozo, mas ainda gememos, aguardando nossa "adoção de filhos, a redenção do nosso corpo".

Cristo Jesus se tornou para nós, da parte de Deus, sabedoria em todas as principais necessidades de nosso caso e o meio para o cumprimento de todos os grandes e graciosos desejos de Deus. Ele é a nossa justiça diante de Deus, a nossa justificação. Ele é a nossa santificação, que nos liberta atualmente da tirania do pecado. Ele é a nossa redenção, aquele que cumpre totalmente o propósito de Deus, para que os homens de fé sejam glorificados (1Co 1:30). Cristo "é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados" (Hb 9:15). O preço da compra do glorioso plano e prospecto foi o seu próprio sangue, e quando este efetuou uma eterna redenção (Hb 9:12), Cristo descansa para sempre de sua obra, embora ainda opere e desenvolva seus resultados até a completa conclusão.

O caminho para isso é "através de muitas tribulações" (At 14:22), e devemos sofrer com Cristo para que também com ele sejamos glorificados (Rm 8:17). Mas quando, conforme o fim desta era se aproximar, os sofrimentos por amor a ele atingirem o pico mais intenso, olharemos para cima esperançosamente e levantaremos a cabeça com alegria e confiança, pois então a nossa redenção estará próxima (Lc 21:28).

O plano poderoso, que foi proposto pelo amor divino, concebido pela sabedoria divina, baseado no sacrifício divino, será consumado pelo poder divino. O clímax do plano será a glorificação da igreja de Deus com o Filho de Deus em seu reino celestial. Haverá na redenção o arrependimento, a recuperação e o restabelecimento de Israel em sua terra e honra como povo escolhido de Deus no mundo. Os piedosos em

Israel esperavam e conversavam com frequência uns com os outros sobre essa "redenção de Jerusalém" (Lc 1:68; 2:38; 24:21), como fizeram os profetas antes deles.

A igreja, Israel e as outras nações irão se beneficiar, como também toda criatura será por fim "libertada do cativeiro da corrupção para a liberdade da glória [liberdade proporcional à glória] dos filhos de Deus" (Rm 8:21, TB).[30] Como já mostramos acima, a virtude redentora do sangue de Cristo não tem limite, exceto para os que rejeitam a graça salvadora e recusam-se a reconciliar-se com Deus. A graça constrange, mas não obriga.

Santificação

Gênesis 2:3 afirma que "abençoou Deus o dia sétimo e o *santificou*" e Êxodo 13:2 menciona que Deus disse: "*Consagra*-me todo primogênito". No original hebraico, os verbos "santificar" e "consagrar" são a mesma palavra. Vemos a força da palavra em Levítico 27 (ARC), onde se refere à prática de santificar ao Senhor uma casa (27:14) ou um campo (27:16), isto é, eram dedicados ao serviço de Deus e não podiam ser usados para fins seculares enquanto estivessem dedicados. Por outro lado, ninguém podia dedicar voluntariamente o primogênito de um animal ou o dízimo de sua produção, porque, por estatuto, já eram propriedade do Senhor. O significado é que a pessoa ou coisa santificada era separada do uso comum para ser dedicada a Deus, deixava de ser comum, profana, secular e tornava-se santa.

Observemos que o significado primário do termo não depende da qualidade inerente do objeto santificado. O filho primogênito ou o animal primogênito podiam ter saúde ou

não, o produto do campo consagrado podia ser abundante ou não, mas a lei da consagração dizia: "Não o mudará, nem o trocará bom por mau ou mau por bom" (Lv 27:10; cf. 27:33), sob pena de que ambos sejam considerados santificados.

O termo hebraico e seus cognatos ocorrem cerca de 260 vezes. No Antigo Testamento grego, são traduzidos por palavras gregas com o mesmo significado primário, as quais são usadas no Novo Testamento com o mesmo sentido.

Ao separar para Deus o uso sagrado de algo que antes era comum, o sangue da expiação ocupava lugar primordial. Está escrito acerca do altar do holocausto:

> Depois de morto o novilho, Moisés tomou o sangue e, com o dedo, pô-lo sobre os chifres do altar ao redor, e purificou o altar. Derramou o sangue ao pé do altar e o santificou, para fazer expiação por ele. (Levítico 8:15, TB)

E sobre a pessoa do sacerdote também lemos no mesmo capítulo:

> Tomou Moisés também do óleo da unção e do sangue que estava sobre o altar e o aspergiu sobre Arão e as suas vestes, bem como sobre os filhos de Arão e as suas vestes; e consagrou a Arão, e as suas vestes, e a seus filhos, e as vestes de seus filhos. (Levítico 8:30)

O lugar onde, em graça, o Santo encontrava o culpado com misericórdia perdoadora, era santificado para esse fim

pelo sangue que expiava a culpa. A cruz de Cristo não teria se tornado o lugar de encontro em paz entre Deus e o homem, se o Redentor ali não houvesse expiado o pecado pelo sangue que ele derramou para cobrir o pecado. Lemos que "Jesus também sofreu... para santificar o povo por meio do seu próprio sangue", e que "temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas" (Hb 13:12, NVI; 10:10). Aquele que aceitou o sangue expiatório de Cristo deve lembrar que não somente recebeu o perdão de seus pecados, como também consentiu em considerar-se separado para Deus como vaso inteiramente dedicado ao uso santo, como está escrito: "Fazei tudo para a glória de Deus" (1Co 10:31; cf. Cl 3:17).

Precisamos repetir o que acabamos de mencionar: que a separação para Deus não depende da condição pessoal daquele que foi santificado. Na consagração como sacerdote, Arão não teve o caráter alterado através da cerimônia solene. Ele era o mesmo homem, ainda "rodeado de fraquezas" (Hb 5:2), mas fora separado inteiramente para Deus, cujo fato deve tê-lo levado a ser mais vigilante sobre seu coração e conduta para andar à altura da dignidade de sua soberana vocação sacerdotal. Ele trazia na testa uma lâmina de ouro com a inscrição "SANTIDADE [separado] A JEOVÁ" (Êx 28:36, TB; cf. NTLH).

O crente não deve esperar até sentir ter alguma mudança marcante em sua natureza para, então, dedicar-se a Deus. Ele deve aceitar o fato profundo e enobrecedor de que, tendo aceitado a expiação pelo sangue de Cristo, ele já foi separado para Deus para fazer a sua santa vontade. Ele mesmo, suas vestes e seu ambiente devem ser considerados detalhadamente tão santos quanto pertencentes a Deus. É nesse sentido que

todos os crentes são chamados "santos" e consagrados.

O exemplo mais elevado e singular desse sentido da palavra "santificar" é o do Filho de Deus. Ele disse de si mesmo que o Pai o santificou e o enviou ao mundo (Jo 10:36), e acrescentou: "Santifica-os na verdade... E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade" (Jo 17:17, 19). Lógico que não se tratava de purificar seu caráter pessoal, pois ele era inerentemente sem pecado ou imperfeição. O sentido é que o Pai separou o Filho para um serviço definido na terra e correspondentemente o Filho se separou para prestar esse serviço. A ideia das palavras é de consagração e dedicação, e ele orou para que a verdade que ele ensinou a seus discípulos operasse eficazmente na dedicação deles a Deus e a seu serviço.

E ainda há mais. O sangue da expiação é a base e preparação para o óleo da unção. Quando o leproso isolado de todos em Israel era perdoado e curado, sua comunhão com Deus, seu povo e sua família era renovada e assegurada por meio de uma purificação cerimonial. Na cerimônia, três elementos eram empregados: o sangue, o óleo e a água. Sangue e água misturados eram aspergidos sobre o que fora leproso. Examinaremos mais adiante o papel desempenhado pela água. O sangue era colocado sobre sua orelha, mão e pé direitos para representar que a mente, o trabalho e o andar eram agora dedicados a Deus: A orelha para encher a mente com pensamentos de Deus, a mão para servi-lo em cada ato, o pé para andar em seus caminhos. Mas qual filho de Adão pode garantir uma devoção tão resoluta a Deus? O óleo era colocado onde o sangue já estava para comunicar que a graça do Espírito Santo de Deus estaria disponível para tornar real o que o

sangue tornara possível (Lv 14:1-32). A mesma cerimônia fazia parte da consagração do sacerdote, sendo o óleo colocado sobre o sangue e derramado sobre a cabeça (Lv 8).

O cumprimento nacional desse tipo aguarda o dia em que Israel se arrependerá de sua apostasia nacional em relação a Deus e da culminante iniquidade do assassinato do Messias, para que Deus aspirja sobre eles a "água purificadora" (Lv 14; Nm 19:9, 13, 20-21), isto é, a água pela qual o sangue será aplicado, o Espírito Santo que esclarecerá a consciência sobre a virtude salvadora da morte de Cristo. Então, Deus colocará neles o seu Espírito, que os fará ouvir os mandamentos de Deus com mente compreensiva e coração disposto, para que, pela força do Espírito, eles façam a vontade de Deus e andem alegremente em seus caminhos (Ez 36:24-27).

Mas um cumprimento presente já está disponível para os que se arrependem de seus pecados, os abandonam e aceitam a purificação da consciência, tendo o coração aspergido da má consciência por apreciar e apropriar-se da virtude expiatória do sangue de Cristo. O Pentecostes vem depois do Calvário. O Espírito Santo é concedido ao crente que se dedica sem reservas a ele, cujo sangue o redimiu de toda iniquidade. Essa foi a atitude do coração dos cento e vinte sobre quem o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes e, desde então, Deus tem dado o Espírito Santo aos que lhe obedecem (At 5:32). Isso mostra que eles foram ungidos com o Espírito ao testemunhar de Cristo, falar dele com a língua e exibi-lo em seu espírito e estilo de vida.

Portanto, há a santificação pelo sangue de Cristo e também a "santificação do Espírito" (1Pe 1:2). É ele que apresenta Cristo ao coração, para que os obedientes tenham toda necessidade espiritual atendida e todo desejo piedoso

satisfeito nele — com a consequência de que no poder da unção celestial a dedicação a ele, que é exigida pelo sangue da expiação, é dada por amor e gratidão.

O óleo era aplicado somente depois do sangue. O Pentecostes não precedeu o Calvário; não podia. Ninguém pode receber o Espírito sem primeiro receber a Cristo como Redentor pelo seu sangue. Mas, pelo Espírito de santidade que nele habita, o crente pode cumprir a justa exigência de Deus: "Sede santos, porque eu sou santo". É um chamado dado quatro vezes a Israel no livro de Levítico (Lv 11:44-45; 19:2; 20:7, 26) e repetido uma vez aos cristãos em 1Pedro 1:15-16.

O sangue da expiação é a base da santidade, de uma vida totalmente consagrada a Deus, e o Espírito, tipificado pelo óleo, é o seu poder.

Acesso

Retomemos agora esse assunto. A dignidade de um rei, por ser superior a todos os seus súditos, faz com que seja considerado uma honra especial o acesso à sua pessoa, especialmente em eventos oficiais. Pelo livro de Ester, ficamos sabendo que na Pérsia quem se aproximasse do trono do rei no átrio interior do palácio sem ter sido primeiro convidado corria risco de morte (Et 4:11). Na época em que essa reclusão vigorava no Império Persa, havia apenas sete príncipes que tinham o direito quase irrestrito de acesso ao soberano, os quais "se assentavam mais perto dele no reino" (Et 1:14, TB). Pelo que Heródoto nos relata, sabemos que os sete príncipes originais adquiriram essa honra por dedicação especial à causa do rei. Eles arriscaram tudo para expulsar um usurpador do

trono e proteger o trono para o verdadeiro herdeiro.

O mesmo princípio de reclusão vigorou em Israel concernente à entrada ao santuário interior do tabernáculo, onde Deus estava presente em um raio de glória. Como observado anteriormente, até o sumo sacerdote consagrado era proibido de entrar mais de uma vez por ano — somente no Dia da Expiação (Lv 16:2). O véu alto e pesado encobria a Presença de todos os observadores, pois "o Espírito Santo estava mostrando que ainda não havia sido manifestado o caminho para o Santo dos Santos [lugares santos] enquanto permanecia o primeiro tabernáculo" (Hb 9:6-8, NVI). Aqui, a expressão "lugares santos" (ἁγίων, *hagiōn*) não é referência apenas ao Santo dos Santos. Os sacerdotes e os levitas podiam entrar diariamente nos átrios, e os sacerdotes, no "Lugar Santo do tabernáculo" (Hb 9:6, NVI), mas as demais pessoas, sendo a maioria da nação, eram proibidas de ter qualquer tipo de acesso a Deus. Quem do povo ousasse aproximar-se de Deus era penalizado com a pena de morte (Nm 1:51; 3:10). Até os levitas perderam a vida quando se aventuraram a agir como sacerdotes (Nm 16:35), e mais tarde um determinado rei foi acometido de doença fatal, quando entrou no lugar santo para oferecer incenso, prática exclusivamente sacerdotal (2Cr 26:16-23).

Como é impressionante a diferença revelada no Novo Testamento. O povo de Deus desta era é exortado a *aproximar-se* confiadamente do trono para encontrar o "trono da graça", onde pode receber misericórdia para os fracassos e graça para ajudar no que for necessário (Hb 4:16). O rasgamento do véu do templo quando Cristo morreu foi o anúncio público desta poderosa mudança. O Espírito Santo está dando a entender que a partir daquele momento o caminho para os lugares

santos foi mostrado e está aberto a todo crente.

Dois fatos principais contribuem conjuntamente para a maravilhosa mudança e o tremendo privilégio: o Mediador e seu precioso sangue. Jesus afirmou um fato imutável e universal, quando disse: "Eu sou o caminho... ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14:6). Ninguém pode ter acesso à rainha da Inglaterra para uma sessão na corte, a menos que tenha um convite emitido pelo Lorde Chamberlain, um dos principais oficiais da Corte Real do Reino Unido. Esse oficial poderia dizer: "Eu sou o caminho; ninguém vem à rainha senão por mim".

Mesmo o sumo sacerdote em Israel não ousava entrar na Presença de Deus, a menos que levasse consigo o sangue que tirava a culpa que impedia o acesso do homem a Deus. Sem o sangue da expiação, ele teria recebido a pena do pecado, a saber, a morte. "Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para *conduzir-vos a Deus*" (1Pe 3:18), não só para trazer-nos o perdão de Deus, mas também para conduzir-nos a Deus. "Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por quem igualmente temos obtido nossa entrada, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes" (Rm 5:1-2, TB), e tenhamos "ousadia para entrar no Santuário [lugares santos], pelo [pela virtude do] sangue [expiatório] de Jesus" (Hb 10:19-22, ARC).

O véu rasgou-se; Jesus está em pé
Diante do trono da graça,
Enquanto das suas mãos a fumaça do incenso
Enche todo o lugar glorioso.

Ele asperge ali o seu sangue precioso,

Diante e sobre o trono;
E as suas próprias feridas declaram no céu
Que a sua obra na terra está feita.

Dentro do Santo dos Santos,
Purificados pelo seu sangue precioso,
Diante do teu trono, os teus filhos se prostram,
E te adoram, nosso Deus.

Levantamos com ousadia o nosso coração e a nossa voz,
O seu nome, o seu sangue, a nossa súplica;
Certos de que nossas orações e cânticos de louvor
Sobem por ele a ti.[31]

Bem-aventurados os que podem cantar o hino como recital de privilégio e também por verdadeira experiência do coração em relação à presença de Deus. Foi assim com Davi que, embora rei, não podia agir como sacerdote; ele invejava a honra e exclamou: "Bem-aventurado aquele a quem tu escolhes e fazes chegar a ti, para que habite em teus átrios" (Sl 65:4, ARC).

Davi só podia visitar o grande átrio público, mas os sacerdotes podiam habitar na presença de Deus. É possível que a oração fosse o mero envio de uma petição ao rei, em vez de ser uma conversa com ele em sua presença. *Aproximemo-nos* e aprendamos a nos aproximar como genuína experiência no espírito. Quando perguntaram se ele conhecia o caminho para o céu, um homem simples respondeu: "Eu vivo lá!".

Vitória

Quando a vitória se torna fato, o que vem depois? Vem a expectativa espiritual e o equivalente prazeroso das portas de pérolas, das ruas de ouro e das harpas! Então, sucede a paz como um rio e a alegria como uma fonte, porque:

O rosto do Pai em graça radiante
Agora brilha em luz sobre mim.[32]

Sobre isso podemos e devemos saber muito mais, a ponto de poder cantar com êxtase:

Oh, saber que esse lugar é meu!
Embora ainda pela fé em pequena medida:
Respirar seu ar, saborear seu vinho,
Habitar onde Deus é tudo em todos...
Essa, essa é a vida, diante do trono,
E tudo o mais é morte, exceto unicamente isso.[33]

Esse é apenas um aspecto de estar sentado com Cristo nas regiões celestiais. A mesma epístola que no início nos faz subir para as regiões celestiais, encerra com o pavoroso fato de que, nas mesmas regiões celestiais, lutamos contra espíritos malignos (Ef 2:6; 6:12). Quem mais habita em Cristo nas regiões celestiais, mais conhece esse conflito.

Os israelitas não lutaram no Egito; eram escravos. Durante os quarenta anos no deserto travaram apenas duas batalhas com inimigos externos; em uma, venceram pela fé e oração e na outra, a autoconfiança lhes trouxe derrota (Êx 17:8-15; Nm 14:39-45). Naqueles anos, as suas concupiscências

carnais eram o seu inimigo. O diabo não precisa se preocupar muito com os cristãos que vivem segundo a carne. Assim que Israel atravessou o rio Jordão (tipo da nossa passagem da carne para a vida no Espírito), eles precisaram lutar pela terra prometida nos planaltos de Canaã e expulsar à força os gigantes e outros que disputavam a posse do lugar.

A nossa luta não é uma farsa, nem uma guerra de faz de conta. Em Efésios 6:12, "luta" é tradução da palavra grega *palé* (πάλη), que significa "luta livre" e traz a ideia de antagonistas agarrados em abraços mortais, balançando para lá e para cá, enquanto cada um se esforça em derrubar ou matar o outro. É o único lugar no Novo Testamento, onde a palavra é usada, o que empresta força e vivacidade à passagem. Tenho de derrotar Satanás ou serei derrotado. Dizer que todo crente já é vencedor é argumento falso e tolo, e contribui para a derrota.

Essa guerra tampouco se localiza apenas no homem interior do cristão; tem também o caráter de processo legal em tribunal, o tribunal do céu. É o *trono* do qual nos aproximamos. Nos tempos bíblicos, o rei sentava-se no trono como juiz supremo. Era a corte final de apelação (1Rs 2:12; 3:16). Desde os tempos antigos, vemos o supremo tribunal celestial em ação (Jó 1–2; 2Cr 18:18-22; Dn 4; 7:9-10, 26; Lc 22:31-32). A situação permanecerá até o fim desta era, posto que Apocalipse 12:7-12 fala da expulsão de Satanás do âmbito celestial, quando, até então, ele continuará como acusador do povo de Deus, exatamente como foi de Jó. A expulsão irá acontecer um pouco antes de Cristo estabelecer o seu reino na terra.

Poucos crentes e poucos mestres cristãos sabem que essa realidade ainda persiste. Significa que Satanás, o adversário da igreja de Deus (Lc 18:1-8; 1Pe 5:8-10), é o procurador geral do universo, e inventa calúnias, como fez contra Jó, ou

fundamenta as acusações nos pecados dos crentes. Se ele sai ganhando no tribunal, então, como Pedro e os outros discípulos descobriram, o cristão é deixado nas mãos do acusador para ser disciplinado, como o trigo é cirandado pela peneira. O fim pretendido e permitido por Deus é a remoção da palha, mas a ciranda é severa (Am 9:8-10).

Como é urgente a questão de que o ataque do procurador deve ser derrotado e a pessoa absolvida perante o Juiz e o Tribunal. Um dos principais objetivos de Satanás ao tentar o crente a pecar é fechar-lhe a boca para impedi-lo de dar testemunho de Cristo e de sua salvação. A batalha na terra é primariamente que o cristão viva de tal maneira que sempre seja capaz de falar de Cristo e convidar os escravos de Satanás a conseguir a liberdade do domínio e condenação do diabo, como está escrito: "Eles... o venceram... *por causa da palavra do testemunho* que deram", pois estavam preparados para morrer, "e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida" (Ap 12:11).

Mas, como os cristãos ou seu Advogado perante o tribunal no alto (1Jo 2:2; Lc 22:32; Hb 4:14) devem derrotar a petição do acusador de que as falhas dos cristãos devem ser punidas? No tribunal, os cristãos devem confiar somente no argumento de que a devida pena de seus pecados como crentes já foi cumprida pela morte de seu Substituto: "Eles, pois, o venceram *por causa do sangue do Cordeiro*" (Ap 12:11).

As palavras do Senhor a Pedro: "Satanás pediu vocês [e obteve]" (Lc 22:31, NVI), apontam para uma palavra técnica jurídica (ἐξαιτέω, *exaiteó*), que significa exigir que o culpado seja punido. Se um tribunal ordena que certa quantia seja paga em determinada data e ela não é paga, pode-se fazer uma ação judicial para que o infrator seja punido por ter desobedecido

ao tribunal. Dentro da lei, a resposta é mostrar que a ordem foi obedecida e a quantia paga. A resposta é igualmente válida, independentemente de quem tenha efetuado o pagamento — o devedor ou o fiador.

Não há outra maneira possível de vencer o acusador senão apelar para o sangue de Cristo. O apelo, quando apresentado pelo crente arrependido e endossado pelo Advogado celestial, não falha. Mas lembremos que o apelo não pode ser solicitado ou aceito enquanto não tivermos nos arrependido, confessado e abandonado o pecado. Nosso Advogado não está presente para nos capacitar a continuar no pecado, mas para nos livrar do acusador, se andarmos na luz da vontade de Deus. É o que mostramos no capítulo 3 deste livro, quando nos detivemos em 1João 1:6-7. Nessa condição, a vitória está garantida através do sangue do Cordeiro.

Um Reino Sacerdotal

A porta para os israelitas entrarem na vida de liberdade marcada pela fé e obediência abriu-se quando eles foram livrados do Destruidor pelo sangue do Cordeiro pascal. Agora, Deus podia continuar a prepará-los para os propósitos que ele tinha em mente para os filhos de Abraão, seu amigo. Um dos primeiros propósitos a ser divulgado e o mais elevado foi declarado nestas palavras:

"Tendes visto o que fiz aos egípcios", o que mostra que nada é impossível para Deus; "como vos levei sobre asas de águia", o que prova o amor, a força e o cuidado de Deus; "e vos cheguei a mim", para que Deus tivesse um povo na terra como possessão dentre as nações apóstatas do mundo. "Agora,

pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha." Portanto, a primeira grande promessa às pessoas já redimidas foi prefaciada por uma condição, cujo cumprimento exigia obediência e fidelidade. A condição não estava sob o regime da lei do Sinai, porque a precedeu. Não alterou em nada a redenção e libertação obtidas em relação ao Destruidor e a Faraó, mas afetou o futuro, que era: "Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa" (Êx 19:4-6).

"Reino", ou seja, um órgão governamental, como foi dito acerca de uma rainha: "[Ester, tu] chegaste a este reino" (Et 4:14, ARC), e de um rei: "Dario... se apoderou do reino" (Dn 5:31). Os regentes também deviam ser um órgão sacerdotal, portanto, sacerdotes reais. A ideia não era nova. Era prática geral das nações que o rei fosse o principal sacerdote do seu povo. Melquisedeque fora exemplo bastante recente no tempo de Abraão, o pai da nação. Foi um grande privilégio de Israel ser uma nação de reis que governasse toda a terra para Deus, e um povo sacerdotal que instruísse os demais povos na lei divina, fornecesse-lhes a graça divina e guiasse-os na adoração divina. O dever de Israel era cumprir a promessa feita a seu primeiro pai de que, nele, todas as famílias da terra serão abençoadas (Gn 12:3). Esta seria a restauração do propósito divino tido na criação de Adão, pois ele também fora nomeado para governar a terra para Deus, porém, fracassara.

Além disso, havia o nobre pensamento de que o plano levaria Israel a uma estreita ligação com o Filho de Deus que, desde o princípio da criação, fora o Soberano nomeado da criação e o Sacerdote através de quem Deus mantinha relações com todas as suas criaturas, celestiais e terrenas. Um

Sacerdote-Rei, que combinasse ambos os ofícios em uma Pessoa, é o ideal para o qual Deus trabalha e o qual ele restaurará no céu e na terra. Embora, naquele tempo, Israel não tenha obedecido e a dignidade oferecida nunca tenha sido alcançada, o ideal terá seu cumprimento no dia do arrependimento e restauração nacional. O profeta viu e declarou a supremacia nacional de Israel: "A nação e o reino que não te servirem perecerão" (Is 60:12), e o seu sacerdócio: "Vós, porém, sereis chamados sacerdotes de Jeová; chamar-vos-ão ministros do vosso Deus" (Is 61:6a, TB). Mas, isso só será cumprido quando acontecer com eles o que o mesmo profeta anunciou: "Todos os do teu povo serão justos" (Is 60:21).

Mesmo assim, isso cumprirá o plano de Deus apenas para a terra. Mas, ele disse que pôs *todas* as coisas debaixo dos pés dos homens (Sl 8:6). Verdadeiramente, como está escrito em Hebreus 2:8d, "ainda não vemos todas as coisas... [ao homem] sujeitas", embora em seu propósito, Deus "nada deixou fora do... domínio [do homem]" (Hb 2:8c). Vemos, todavia, que a promessa se cumpriu em um homem, o homem Jesus, que já está no trono de Deus. Agora, Deus está trabalhando pelo seu Espírito através da verdade para trazer "*muitos filhos* à glória" (Hb 2.10), a fim de participarem da glória, autoridade e sacerdócio real do seu divino Rei-Sacerdote. Isso incluirá autoridade sobre os céus e a terra, pois "não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? [...] Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?" (1Co 6:2-3).

O cumprimento dessa suprema dignidade e serviço é condicional para a igreja e para Israel, como está escrito: "Se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados" (Rm 8:17), e "se perseveramos, reinaremos também com ele", obtendo não somente salvação, mas salvação "com a *glória*

eterna" (2Tm 2:10-11, TB). A salvação dos israelitas concernente à morte temporal no Egito não foi afetada pelo fato de não terem alcançado o ideal posterior de Deus para eles. Igualmente, a nossa salvação concernente à morte eterna não é afetada por não termos alcançado o ideal superior de Deus para nós. A razão é que a salvação é assegurada pela fé e é concedida com base em que a vida corresponde à vida e a morte à morte. A libertação assim efetuada é irrevogável pela lei. É o sangue da expiação que resgata completamente da perdição e é a porta que se abre para o caminho da vida, com suas nobres possibilidades. Portanto, o sacerdócio real está ligado à redenção, conforme está escrito: "[A Jesus Cristo] que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!" (Ap 1:5-6).

Todo sacerdote-rei da companhia celestial irá declarar:

Eu encontro-me no seu mérito,
Não conheço outra posição,
Nem mesmo onde a glória habita
Na terra do Emanuel.[34]

Os vinte e quatro anciãos, os atuais sacerdotes-reis, que então depositarão suas coroas diante do trono (Ap 4:10), quando o Vencedor e seus colegas vencedores sentarem-se no trono (Ap 3:21), irão endossar a declaração acima e dizer a Jesus:

> Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. (Apocalipse 5:9-10)

O sangue da expiação do Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor, é a base eterna da obra graciosa de Deus para com o pecador, desde o início da obra em salvar o pecador da perdição até que a obra seja coroada e completada na glória dos céus. Com razão, cantamos:

Sangue precioso, precioso de Jesus,
Derramado no Calvário.
Derramado por rebeldes e pecadores,
Derramado por mim.

Sangue precioso que nos redimiu,
O preço todo pagou!
Perdão perfeito agora oferece,
A paz foi feita.

Sangue precioso, por meio do qual vencemos
Na luta mais feroz,
O pecado e Satanás vencendo
Pelo poder do sangue.

Sangue precioso, cuja expiação completa
Faz nos aproximar de Deus!
Sangue precioso, nosso cântico de glória,
Louvor e exaltação![35]

Segunda Parte

O QUE O SANGUE *NÃO* REALIZA

NA QUESTÃO DE ser livrado do Anjo Destruidor no Egito, o sangue da expiação bastava. O coletor de impostos arrependido "desceu justificado para sua casa" unicamente pela virtude do sacrifício no altar (Lc 18:13-14).

Para os israelitas redimidos, o sangue foi o início e a base de todas as relações futuras com Deus; foi a porta de entrada da separação para uma vida de fé e comunhão. Ao longo de

toda a vida assim iniciada, houve várias aspersões do sangue, mostrando que ele permaneceu para sempre como a base da relação com Deus.

O lugar e a eficácia do sangue da expiação tampouco se apequenaram pela revogação dos repetidos sacrifícios e aspersões através do sacrifício único, completo e final da cruz, porque a virtude dessa morte e do sangue de Cristo derramado é eterna e constitui a base perpétua de toda comunhão com Deus.

A porta não é o caminho ou seu alvo. A fundação não é a superestrutura. O sangue cumpre seus propósitos, mas não *todos*. Ser liberto da pena judicial do pecado não é o mesmo que ser liberto do poder prático do pecado. A libertação da escravidão no Egito deve avançar para a conquista em Canaã. Deixar os ídolos deve tornar-se em servir a um Deus vivo e verdadeiro. O sangue é sempre a base para as numerosas fases e necessidades da vida cristã em desenvolvimento, mas não é o suficiente. Há coisas que o sangue não pode e não faz, pois não são parte de sua função. Em particular, como todas as histórias e tipos mostram, o sangue (1) não dispensa a fé e a obediência, (2) não prescinde do pão, (3) não faz o trabalho da água, (4) não realiza a tarefa do óleo, (5) não substitui a disciplina e (6) não cumpre a função da espada.

Capítulo 8

O SANGUE NÃO DISPENSA A FÉ E A OBEDIÊNCIA

A ASPERSÃO DO sangue pascal abriu a porta para sair do Egito, mas o povo redimido teve de dar o passo seguinte e imediato da fé, a saber, obedecer à ordem de marchar naquela mesma noite. Se não tivessem agido assim, não teriam saído da escravidão para a liberdade, embora já tivessem sido libertos do Destruidor pelo sangue. O Faraó ainda os teria retido. Não foi uma fé pequena que os fortaleceu para a saída apressada e completa. O Faraó estava vivo e irado, seus carros e cavalaria estavam disponíveis, os ex-escravos não tinham unidade ou exército para resistir a um ataque. Mas a fé obedeceu e partiu, confiando que Deus os protegeria e tornaria bem-sucedida a empreitada.

Quantos há hoje que colocaram no precioso sangue de Cristo a esperança da certeza de terem sido livrados da morte

eterna, mas não romperam com o mundo e continuam enredados pelos seus prazeres e escravizados pelo seu príncipe. Ou nunca ouviram o chamado e a ordem de quebrar todo jugo com os descrentes, ou lhes faltou a força e a decisão da fé para assim fazerem. Protegidos pelo sangue, ainda permanecem escravizados pelo mundo, pela carne e pelo diabo.

O apóstolo regozijou-se muito com a fé contínua de seus filhos na fé (Ef 1:15: Cl 1:4; 1Ts 1:3), e deu graças a Deus quando soube que ela "cresce sobremaneira" (2Ts 1:3). Paulo sabia muito bem dos perigos práticos decorrentes do fracasso da fé nos filhos de Deus. Ele enfatizou fortemente que os desastres que atingiram os israelitas no deserto, embora fossem o povo redimido do Senhor, têm equivalentes na experiência dos cristãos hoje: "Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos [τυπικῶς, *typikōs*, "figuras"] e foram escritas [postas nos registros históricos de Deus] para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado" (1Co 10:11). Os desastres aconteceram com "a maioria deles" (1Co 10:5) que haviam sido redimidos pelo sangue do cordeiro e levados à liberdade e comunhão com Deus. Eram suficientemente espirituais para saber que o maná e a água tinham equivalentes espirituais e que deviam deles participar: "Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo" (1Co 10:3-4; cf. 10:1-13).

Tendo em vista as afirmações explícitas da Escritura sobre o estado espiritual dos aqui referidos e diante da aplicação direta de suas experiências aos cristãos em Corinto, *não há o menor fundamento* afirmar que eles não eram crentes

verdadeiros e que a aplicação aqui feita é aos meros mestres dessa época. Entender a Escritura assim significaria que quase todos os cristãos coríntios eram hipócritas ou estavam enganados, pois entre os que foram colocados como exemplos para eles apenas três ou quatro dos homens que saíram do Egito não morreram no deserto.

Judas refere-se aos mesmos acontecimentos antigos, dizendo: "Quero, pois, lembrar-vos, embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas, que o Senhor, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram" (Jd 5). É exatamente como Paulo nos adverte na passagem de 1Coríntios supracitada: "E não murmureis, como também alguns deles murmuraram e pereceram pelo destruidor" (1Co 10:10, ARC).

Portanto, existe a possibilidade de ser liberto do Destruidor no Egito e, mesmo assim, cair sob seu poder no deserto. O sangue salvou de serem condenados com o mundo, mas não impediu que os cristãos carnais de Corinto perdessem a vida física sob o castigo do Senhor (1Co 11:29-32). Ter recebido pelo sangue de Cristo a redenção eterna relativa à ruína eterna não dispensa a necessidade de fé e obediência contínuas dos redimidos, para que desfrutem hoje da comunhão com o santo Pai e escapem do castigo severo.

As solenes advertências nas parábolas de Cristo e em Hebreus apontam para a mesma verdade. Toda a Palavra de Deus ressalta a necessidade urgente de haver uma fé permanente e uma obediência incessante por parte dos redimidos do Senhor. Nenhum israelita ou cristão desviado que permanece nessa condição jamais escapou da perda e do castigo por meio da redenção pelo sangue.

Capítulo 9

O SANGUE NÃO PRESCINDE DO PÃO

NA MESMA NOITE em que Israel aspergiu o sangue, eles fortaleceram-se para a difícil jornada que se avizinhava, comendo o cordeiro e o pão sem fermento. A refeição inicial, claro, não duraria por muito tempo, por isso levaram massa para fazer pão para as próximas refeições (Êx 12:7-11, 34). A provisão tampouco bastaria para a jornada inteira; logo, receberam o pão do céu. O suprimento da comida celestial também não era suficiente, pois o maná tinha de ser colhido e comido repetida e infalivelmente.

Para nós, Cristo é o cordeiro, o pão sem fermento e o maná a serem apropriados pela fé como a força vital da alma (1Co 5:6-8; Jo 6). Quem deseja correr e não se cansar, caminhar e não se fatigar, e subir acima dos obstáculos com asas como águias deve alimentar a alma diariamente com as palavras da

fé — as palavras do Senhor Jesus proferidas pelos profetas do Antigo Testamento, por ele mesmo quando esteve aqui ou pelos apóstolos e profetas que falaram movidos pelo Espírito Santo.

Alguém pode ter crido sinceramente no sangue de Cristo para ser salvo da perdição, e ainda assim, estar fraco e doente espiritualmente por não se alimentar de Cristo na Palavra.

Capítulo 10

O SANGUE NÃO FAZ O TRABALHO DA ÁGUA

HÁ QUEM PENSE que é desnecessário expor argumentos sobre algo tão evidente. Na verdade, há a necessidade urgentíssima da exposição, pois a teologia e a crença evangélica são quase universalmente falsas nessa questão. É o que se vê especialmente nos hinos, mesmo os compostos por muitos escritores competentes.

Há uma fonte cheia de sangue
Extraído das veias do Emanuel;
E os pecadores, mergulhados nesse rio,
Perderam todas as suas manchas de culpa.

O ladrão moribundo alegrou-se ao ver
Essa fonte em seu dia;

E lá eu, tão vil quanto ele,
Lavei todos os meus pecados.[36]

Temos de afirmar categoricamente e com a mais extrema ênfase que (1) *não* existe tal fonte ou rio de sangue, (2) ser mergulhado em sangue é ideia puramente pagã e (3) nenhuma pessoa ou seus pecados jamais foram lavados no sangue. A ideia é ao mesmo tempo repugnante e perniciosa. Os pagãos tinham um rito muito ofensivo chamado *taurobóleo*, no qual um homem entrava numa fossa e recebia sobre si o sangue do animal imolado, mas Deus nunca sancionou a cerimônia, nem a sua Palavra sequer admite a ideia.

O único versículo que poderia ser devidamente citado para sugerir a ideia é Apocalipse 1:5b: "Àquele que... em seu sangue *nos lavou* dos nossos pecados" (ARC). Outros, seguindo o melhor texto grego, traduziram por "*nos libertou* dos nossos pecados", semelhante ao devedor que é liberto das dívidas quando são pagas. A diferença entre as duas palavras gregas consiste em apenas uma letra. O verbo "libertar" é *luó* (λὺω) e o verbo "lavar" é *louó* (λοὺω). Quer a introdução da primeira letra "o" tenha sido erro acidental de um copista, ou correção consciente que ele fez para acomodar o versículo à concepção popular que ele julgava verdadeira, ou perversão deliberada para inculcar erro, teve o efeito nocivo de forçar o versículo a colocar-se em nítida contradição com toda a tipologia e teologia da Sagrada Escritura e de esconder a verdade indispensável.

Há outra declaração em Apocalipse que é mal interpretada e impropriamente usada para causar o mesmo efeito: "Lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro" (7:14). Aqui não está dizendo que eles l*avaram e*

alvejaram suas vestiduras no sangue, pois há dois verbos distintos que descrevem duas ações distintas: "lavaram suas vestiduras" e "alvejaram suas vestiduras". O "e" é conjunção alternativa e conjuntiva, ou seja, as duas ações estão juntas, mas a última é adicional à primeira. Veremos a força disso quando analisarmos os tipos e levarmos em consideração que a lavagem foi com água e o sangue foi aplicado por aspersão.

A passagem do Antigo Testamento na qual o hino se baseia é, sem dúvida, esta: "Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza" (Zc 13:1). O versículo não diz que a fonte é de sangue. As palavras "naquele dia" olham para frente e não para trás; apontam para o futuro quando o Messias voltará para libertar Jerusalém e Israel do Anticristo (veja o parágrafo anterior e todo o contexto). Terá o Calvário de ser encenado de novo? Deverá o sangue de Cristo ser derramado outra vez? Não deve a passagem ter outro significado? Uma figura do Antigo Testamento deve ser interpretada em harmonia com os tipos, imagens e ensinos anteriores do Antigo Testamento.

Só o sangue

Quando Israel foi livrado do Destruidor, foi unicamente pelo sangue. O povo não foi obrigado a lavar a si mesmos ou as roupas. O cobrador de impostos "desceu justificado para sua casa" (Lc 18:14) por causa do altar e do sangue somente; ele não teve de lavar-se na bacia de bronze. O sangue salva da condenação e justifica o crente penitente.

Aqui está a negação bíblica da doutrina de que a salvação

eterna depende em parte da santificação exterior, de modo que só podemos ter a certeza da salvação eterna quando perseveramos em santidade até o fim da vida. O ponto é enfatizado pelo tipo e pela declaração expressa de Cristo.

A necessidade de água

Tão logo o povo redimido pelo sangue entrou na vida de comunhão com Deus no deserto, surgiu a necessidade de água: "Caminharam três dias no deserto e não acharam água" (Êx 15:22). Qualquer pessoa que hoje andar no deserto por *um* dia debaixo do sol egípcio saberá como foi difícil para os israelitas passarem três dias sem água, e não os criticará por terem murmurado.

A primeira água que alcançaram era amarga (Êx 15:23). O tipo ensina que é necessário algo mais e melhor do que os suprimentos da terra para o refrigério espiritual. Deus mudou a água amarga e tornou-a potável e saudável. Deus tem a habilidade de transformar as experiências amargas da vida em refrigério para a alma, saúde e vivificação, pois, como outrora, ele ainda usa tais ocasiões para doar "preciosas e mui grandes promessas, para que por elas [nos tornemos] coparticipantes da natureza divina" (2Pe 1:4). Isso nos levará, como aconteceu com Israel, a um Elim, onde o coração pode acampar e repousar (Êx 15:27).

No deserto, a necessidade de água é constante e sua falta é motivo perfeito para o espírito que murmura (Êx 17:1-7). Como é fácil a alma redimida alcançar as águas do seu Massá e Meribá, testando a Deus em vez de confiar nele, reclamando em vez de orar. Mas, como anteriormente observado, o Deus

gracioso providenciou-lhes a partir daí a água da Rocha que os acompanhou no restante da jornada (1Co 10:4). A Rocha era Cristo, ferido na cruz uma vez por todas, tornou a água da vida permanentemente disponível e gratuita. Agora, o sangue que havia redimido fora derramado uma vez por todas no Egito. A água que lhes saciou a sede jorrava constantemente. O sangue não jorrou para saciar a sede. Só um bárbaro pagão ofereceria sangue para seu amigo beber.

O Senhor Jesus é quem derramou seu sangue para redimir e é quem também dá a água viva. Em João 3:14-15, lemos que Jesus disse que ele seria levantado na cruz para que o pecador olhasse para ele e recebesse o dom da vida eterna. Ele falou da cruz para Nicodemos, porque o Senhor estava mostrando que a fonte da vida eterna está em sua própria morte. Mas, no capítulo seguinte, quando mostrou para uma alma sedenta e ressecada pelo pecado que a *sede* poderia ser saciada, Jesus não falou do sangue, mas da água (Jo 4:14).

São muitos os que chegam a João 3 e nascem de novo pela fé na morte de Cristo, mas não avançam para João 4, pois não têm a experiência correspondente à rica promessa do Senhor: "Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der *nunca mais terá sede*". A promessa é enfática: "Nunca mais terá sede", e a razão é extraordinária: "A água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna" (Jo 4:14). É uma experiência interior que nunca poderia ter sido possível, caso o sangue não tivesse coberto o nosso pecado. É algo adicional à função do sangue e muitos nunca alcançam a experiência, apesar de saberem que são redimidos e perdoados. Eles permanecerão sedentos e fracos enquanto a atenção estiver confinada ao sangue, pois é da *água* que precisam.

As palavras do Senhor proferidas no templo e explicadas

por João mostram o que a água tipifica, onde quer que seja falada figurativamente:

> Levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim [ter união vital comigo] [...], do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao *Espírito* que haviam de receber os que nele cressem. (João 7:37-39)

As casas de melhor padrão no Oriente são construídas ao redor de um pátio central, para onde as portas e janelas se abrem. Em alguns casos, há também uma porta que dá para um jardim murado e a pesada porta que conduz à rua. Se surge um tumulto na cidade, os ocupantes entram em casa, trancam a robusta porta e esperam até que a tranquilidade retorne. Mas para isso, eles devem ter um bom estoque de alimentos e possuir um poço no pátio central.

Os crentes estão interiormente seguros e fortalecidos contra os tumultos que perturbam a vida exterior, quando o Espírito Santo neles habita. É ele quem lhes dá a completa provisão de paz e alegria que brota de seus corações e os enche tão plenamente que, como Jesus prometeu, rios de água viva jorram para os outros. Apenas os redimidos pelo sangue podem ter essa experiência, mas só saberão de sua existência se estiverem bebendo continuamente da água e vivendo constantemente em comunhão com o Espírito Santo.

A lavagem da água

O segundo principal uso da água é a lavagem, requisito tanto para a pessoa como para a roupa. Para cumprir essa função, a água é o único agente natural e adequado.

1. A purificação do leproso. Em Israel, o leproso era uma pessoa redimida que estava sob o castigo divino por conta de seu pecado. Todos os israelitas tinham a garantia clara de que se obedecessem aos mandamentos e guardassem os estatutos do Senhor, as doenças do Egito não lhes tocariam (Êx 15:26). A cura e purificação do leproso em Israel (Lv 14:1-32) representam o arrependimento, o perdão e a restauração do crente desviado. Na restauração, o primeiro ato era feito por Deus: a cura do leproso. O segundo ato era que a água viva, isto é, a água corrente (não água estagnada) era trazida, uma ave era imolada de maneira que o sangue caísse na água e a mistura de água e sangue era aspergida sobre o homem curado. As duas operações têm correspondentes espirituais.

a) "Pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is 53:5), não apenas perdoados, mas também *sarados*. Nesta *primeira etapa* da restauração, os efeitos contaminantes e enfraquecedores do pecado são sanados, seu fluxo é eliminado e sua exibição é contida.

b) A *segunda etapa* é quando o coração é aspergido da má consciência (Hb 10:22, NVI). Significa que o Espírito Santo convence a consciência do poder salvador do sangue de Cristo, e o crente não tem mais consciência de ter sido culpado, contaminado e banido. Quando o leproso recebia a aspersão, a mancha do sangue na água seria visível em suas roupas. Era segurança para ele e mostraria aos outros que ele fora perdoado e estava sendo restaurado à comunhão com Deus e seu

povo. Agora, ele não teria o sentimento de ter de fugir para fora do acampamento, nem ninguém poderia ordenar que ele saísse. As manchas de sangue o libertaram, e a libertação da ave viva, também manchada de sangue, simbolizava essa verdade (Lv 14:7).

c) Havia a *terceira etapa* da restauração. Sem ela, a limpeza ainda não estava completa. O homem tinha de lavar suas roupas, raspar todos os pelos e cabelos e banhar-se com água. Todo sinal externo de impureza, todo produto do pecado tinha de ser removido. O sangue foi aspergido sobre ele por outra pessoa, a saber, o sacerdote, mas a lavagem ele tinha de fazer sozinho. Deus forneceu a água; o homem tinha de usá-la, aplicá-la em si mesmo. O Senhor dá o Espírito Santo; o crente tem de receber e aplicar sua graça poderosa.

Lógico que a roupa não é o homem. As roupas são artigos que confeccionamos e vestimos ou desvestimos. Representam as qualidades de caráter e prática que desenvolvemos e usamos. São os elementos exteriores que revelam e escondem nosso verdadeiro eu. Devem ser mantidas sem mancha (Tg 1:27), lavadas quando necessário (Ap 7:14), mas é possível e muito melhor mantê-las incontaminadas (Ap 3:4). A limpeza e manutenção da limpeza da vida exterior é feita pela graça do Espírito de santidade, a "Água" celestial.

Paulo escreveu aos crentes coríntios, que outrora tinham sido pagãos extremamente imorais: "Tais fostes alguns de vós; mas *vós vos lavastes*, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do

nosso Deus" (1Co 6:9-11). Mais tarde, ele os exortou assim: "*Purifiquemo-nos* de toda impureza, tanto da carne como do espírito [tanto da vida exterior como da condição interior], aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2Co 7:1).

A passagem de 1Coríntios 6:9-11 mostra a ação contínua do Redentor e do Espírito Santo, representada pela água misturada com sangue aspergida sobre o leproso, antes que ele lave e se banhe. O texto de 2Coríntios 7:1 não pode estar aludindo à etapa inicial da purificação, porque o particípio "aperfeiçoando a nossa santidade" aponta para um processo incessante a ser continuado persistentemente até que a perfeição seja alcançada. É a *isso* que somos chamados a prestar atenção, porque se o homem que recebeu a aspersão não tivesse lavado suas roupas e banhado sua pessoa, ele teria bloqueado o seu progresso e impedido o reencontro com o círculo familiar e a aproximação a Deus. Embora arrependido, perdoado, curado e aspergido com sangue, ele não poderia retomar a comunhão com Deus ou com os piedosos, a não ser pelo uso diligente da água.

A Bíblia adverte séria e repetidamente aos crentes que, se as marcas da velha vida não forem removidas, se eles continuarem a permitir as velhas práticas contaminantes, eles perderão a *herança* no reino de Deus. O leproso, embora curado, não podia voltar a entrar na sua *herança* em Israel baseado apenas no sangue aspergido, mas somente após a lavagem com água. A herança não é a vida do homem, mas o homem vivo pode perder a herança (1Co 6:6-10; Gl 5:19-21; Ef 5:5). A repetição solene da advertência em três epístolas mostra que era um tema regular no ministério apostólico. Seria bom se seu lugar fosse recuperado.

Tudo isso mostra o papel importante e amplo que a água

tem na vida dos redimidos. O sangue da expiação tem seu lugar e função iniciais e indispensáveis, mas não pode fazer o trabalho da água. O Calvário leva ao Pentecostes, mas não pode substituí-lo. O Pentecostes é o ato inicial da lavagem do corpo, mas não dispensa a lavagem diária da roupa. Até para o círculo interno de seguidores fiéis, o Senhor disse: "Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés [manter os pés lavados];[37] quanto ao mais, está todo limpo" (Jo 13:10). Veremos a força do fato em Levítico 8, na consagração dos sacerdotes.

2. A consagração dos sacerdotes. O cobrador de impostos foi justificado pelo sangue através da fé sem o uso da água, mas ele desceu para casa. Ele não subiu para a casa de Deus, porque não era sacerdote. O leproso proscrito foi curado e purificado pelo sangue e pela água. O sangue foi aplicado sobre ele uma só vez pela aspersão e a água, ele mesmo a aplicou e o fez repetidamente. O procedimento o restaurou para ter relacionamento com Deus e seu povo. Mas, ele também não podia entrar na casa de Deus e servir ali, porque não era sacerdote.

Os sacerdotes recebiam as mais elevadas dignidades, entre as quais entrar na casa onde Deus habitava, apresentar os pães da proposição e alimentar-se deles, queimar o incenso da adoração, interceder pelo povo lá de fora e sair da santa Presença com poder para abençoar os outros (Nm 6:22-27).

O sacrifício perfeito proveu a redenção eterna, o grande sacerdote sobre a casa de Deus está permanentemente diante dele, o véu rasgou-se, o Santo dos santos está aberto para todos os crentes e os privilégios celestiais estão disponíveis para todos eles. Essa é a essência da exposição da carta aos Hebreus.

No entanto, quantos cristãos estão experimentalmente de

posse disso? Uma casta sacerdotal de clérigos e ministros, que reservam para si o direito de realizar o culto cristão, é obstáculo severo e devastador ao crescimento e experiência sacerdotal em geral. Mesmo em esferas onde essa barreira não é permitida, onde a liberdade de funcionar como sacerdotes é encontrada, há muitos que não têm a consciência interior da proximidade imediata de Deus. Eles não se aproximam do trono da graça na experiência espiritual (cf. Hb 4:16). Todo súdito tem o direito de fazer uma petição ao rei, mas nem todo súdito tem acesso ao rei em pessoa. Muitos oram a Deus e são ouvidos, mas não é o mesmo que *aproximar-se* de Deus no poder do Espírito Santo.

Em Israel, todos os devotos podiam estar à porta e olhar para além do altar em direção a casa. Todos podiam fazer seus pedidos e receber a resposta certa de Deus, como fez Salomão (1Rs 8) e Ana, que ali orou e louvou (1Sm 1–2). É o mais perto que muitos cristãos chegam. Vão ao culto público de adoração, mas nunca abrem a boca para adorar. Dizem *amém* às orações, mas não fazem intercessão pelos outros. Cantam hinos, mas não oferecem seu próprio louvor. Tampouco saem da presença manifesta de Deus para distribuir as bênçãos divinas ao coração necessitado dos salvos e não salvos. Infelizmente, é possível que o cristão se envolva publicamente em todas as funções externas da casa de Deus sem estar presente de coração e consciência e sem conseguir levar os outros a tal condição. São sacerdotes por posição, mas não por prática.

Isso acontece porque, embora conheçam a aspersão do sangue, não se lavam regularmente com a água. Receberam Cristo, mas não o Espírito Santo. Chegaram ao Calvário, mas não ao Pentecostes. Estão no altar *e ficam ali*. A principal razão para o progresso interrompido é que, por mensagens, livros e

especialmente hinos, aprenderam que no altar e pelo sangue eles já alcançaram tudo o que há para saber na terra. A função da água é atribuída ao sangue e não a buscam mais. Não discernem a necessidade e a bem-aventurança da bacia de bronze. Isso conduz ao lamentável e permanente empobrecimento da alma, de modo que apenas poucos dos salvos agem como sacerdotes.

Levítico 8 mostra a primeira etapa da solução. O sacerdote a ser consagrado era:

a) Despojado das velhas roupas.

b) Banhado com água.

c) Vestido com as vestes sacerdotais, cuja peça culminante era uma lâmina de ouro colocada na mitra com a inscrição: "SANTIDADE A JEOVÁ" (Lv 8:9; Êx 28:36, TB).

d) Ungido com óleo.

e) Alvo da aspersão do sangue proveniente de sacrifícios feitos imediatamente.

Na purificação do leproso (Lv 14), a aspersão do sangue vinha primeiro e depois a lavagem com água. Na consagração do sacerdote (Lv 8), a água e o óleo eram usados primeiro e depois o sangue. Por que a diferença? Porque Arão e seus filhos, os sacerdotes, já estavam em posição correta diante de Deus como parte do povo redimido. Mas, para o acesso à santa presença no serviço sacerdotal, estar em posição correta pelo sangue não era tudo o que se exigia. Eles tinham também de estar exteriormente limpos, vestidos adequadamente,

dedicados inteiramente a Deus e capacitados unicamente pelo Espírito Santo, o santo óleo da unção.

Quando Pedro escreveu a seus irmãos, referiu-se a eles como "sacerdócio real" (1Pe 2:9). Disse que já tinham obtido uma "fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 1:1). A posição como justificados já estava garantida, mas ao dirigir-se a eles como sacerdotes, ele disse que eles foram escolhidos por Deus "em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo" (1Pe 1:2).

Verificamos aqui a mesma ordem: primeiro, a santificação pelo Espírito; depois, a obediência (representada pela inscrição na lâmina de ouro na cabeça do sumo sacerdote); e por último, a aspersão do sangue. A menos que a ordem no atual significado espiritual seja conhecida experimentalmente pelo poder do Espírito de Deus, o crente pode ser salvo e estar seguro por causa do sangue da expiação, mas ele não será de fato um sacerdote de Deus.

O crente pode ser pastor, ministro, presbítero, diácono ou evangelista quanto à posição na igreja de Deus, pode ser mestre, pregador ou obreiro da Escola Dominical, mas só será sacerdote quando tiver "[se despido] do velho homem com os seus feitos" e "[se revestido] do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento [ἐπίγνωσις, *epignósis*, "conhecimento experimental, não meramente teórico"], segundo a imagem daquele que o criou" (Cl 3:9-10).

Aos olhos de Deus, o "velho homem" é moralmente repugnante e deformado, suas vestes são trapos imundos e sua presença não pode ser tolerada diante do trono nas alturas, onde nada que cause contaminação pode entrar. O crente que exibe o temperamento, o desejo e a conduta do "velho homem"

ainda não começou a ser sacerdote de Deus, pois não se despiu das velhas vestes, nem foi lavado e purificado exteriormente, nem revestiu-se das novas vestes — o "novo homem" —, sobre cujas vestes e pessoa só o santo óleo pode ser derramado.

Por que ainda deve haver a aspersão do sangue, se já houve o despojamento, a purificação, o revestimento e a unção? A razão é que se trata de uma repreensão à ideia infundada de que a santificação prática pode alcançar a perfeição absoluta nesta vida e o cristão pode ter o coração e um estilo de vida sem pecado.

Embora o crente tenha rejeitado o seu "velho homem", ao considerar que ele morreu na cruz com Cristo (Rm 6:6), julgue-se morto para o pecado, tenha virado as costas ao mundo como sua esfera moral de vida (como Israel abandonou o Egito), esteja vivendo diária, cuidadosa e utilmente na comunhão do Espírito de Deus, mesmo assim ele deve lembrar-se de que os olhos atentos daquele que conhece os corações veem iniquidade até nas coisas santas do seu povo, e não só nos seus caminhos e ações profanas (Êx 28:38). Daí, as fortes palavras de George Whitefield: "Você precisa ser levado a entender que Deus pode condená-lo pela melhor oração que você já fez",[38] ou a frase do piedoso Thomas Boston: "Minhas obrigações no sábado eram suficientes para me condenar".[39]

As expressões parecem severas demais, porém é muito rara a percepção aguçada do grau em que o pecado pode impregnar e invalidar nossas atividades santas. É somente por causa do nosso Sumo Sacerdote que podemos ser "aceitos diante de Jeová", como mostra Êxodo 28:38 (TB) que acabamos de citar. Meditemos nas palavras de Paulo: "Em nada me sinto culpado", ou seja, sua consciência estava limpa, que é o padrão mínimo abaixo do qual o cristão não deve viver. "Mas nem por

isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor", pois ele pode saber algo contra mim do qual não estou ciente (1Co 4:4, ARC).

Isso explica a declaração a respeito de a grande multidão que vem da grande tribulação estar em pé diante do trono de Deus vestida de vestes brancas (Ap 7:9). Esses da multidão não tinham vivido de forma tão limpa como as pessoas em Sardes que não tinham contaminado suas vestes (Ap 3:4). As vestes dos indivíduos da multidão estavam contaminadas e precisavam ser lavadas. Foi o que fizeram antes que fosse tarde: "Lavaram suas vestiduras". Usaram a "água" purificadora e agora as vestes estavam limpas. Contudo, não tão absolutamente limpas a ponto de passar pelo escrutínio do Santo, diante de cujo trono eles deveriam estar. Por isso, o sangue do Cordeiro foi adicionado ao trabalho incompleto para tornar as vestes perfeitamente limpas diante do trono: "E as embranqueceram no sangue do Cordeiro" (Ap 7:14, TB).

Ilustremos com o exemplo caseiro da lavagem de roupa. A dona de casa primeiro lava as roupas na água e depois coloca anil ou um cloreto para realçar à brancura dos tecidos. O único outro uso neotestamentário da palavra grega para referir-se a "embranquecer" (ευκαίνω, *leukainó*) está em Marcos 9:3, onde diz que as vestes transfiguradas de Cristo tornaram-se "sobremodo brancas". A palavra "resplandecentes" em Marcos determina o grau e o tipo da brancura, e Lucas 9:29 explica que a resplandecência é "brilhante" (NAA), ou seja, as vestes de Jesus brilhavam como relâmpago, eram "brancas como a luz", conforme Mateus a expressa (Mt 17:2).

Tal brilho de santidade, tal resplendor de caráter está acima do máximo esforço do mais diligente santo. Porém, o sangue de Jesus "purifica de todo o pecado", remove a mais

leve marca do "velho homem" que ainda permanece no crente que anda na luz. A aplicação do sangue, que provém da virtude da morte expiatória de Cristo, ocorre depois da lavagem diligente das roupas do leproso e depois do banho e do paramento do sacerdote. Não é a atribuição inicial da virtude redentora da expiação, pela qual o pecador ou o apóstata é considerado justificado. A justiça legal assim obtida garante a segurança diante da *lei*, e a santidade real e externa pelo Espírito e pela Palavra deve ser acrescentada em seguida para que o homem justificado esteja em pé diante do trono.

Há um privilégio ainda maior do que "estar em pé diante do trono". O Rei promete para as "pessoas que não contaminaram as suas vestiduras" que "andarão de branco" com ele, pois "são dignas", e quem vencer "será *assim* vestido de vestiduras brancas", e será companheiro constante e próximo do Soberano do universo (Ap 3:4-5), visto que o Rei da glória tem "companheiros" (Hb 1:9). Portanto:

> Vede, *irmãos*, que não haja entre vós quem tenha coração mau e infiel... para que ninguém de vós se endureça, seduzido pelo pecado. Pois nos tornamos *companheiros* de Cristo, contanto que mantenhamos firme até o fim a nossa confiança inicial. (Hebreus 3:12-14, BJ)

O início da nossa confiança em Cristo garantiu a nossa posição eterna como justos perante a lei, mas é o fim da nossa confiança que irá assegurar a dignidade de sermos os companheiros pessoais do Senhor na sua glória. Essa etapa exige o uso diligente da água e do sangue. É o que todos os tipos, profecias e promessas declaram com a mais elevada

firmeza. Surge da própria santidade de Deus.

3. A bacia de bronze. Esta lição acerca da bacia de bronze no tabernáculo e no templo é importante. As instruções para a construção e uso são as seguintes:

> Disse mais o SENHOR a Moisés: Farás também uma bacia de bronze com o seu suporte de bronze, para lavar. Pô-la-ás entre a tenda da congregação e o altar e deitarás água nela. Nela, Arão e seus filhos lavarão as mãos e os pés. Quando entrarem na tenda da congregação, lavar-se-ão com água, para que não morram; ou quando se chegarem ao altar para ministrar, para acender a oferta queimada ao SENHOR. (Êxodo 30:17-20)

A passagem está mostrando o seguinte:

a) A posição da bacia de bronze era na porta de entrada, entre o altar do holocausto e a própria casa onde Deus habitava. Desse modo, para chegar à bacia era preciso passar primeiro pelo altar.

b) O uso da bacia de bronze era exclusivo para os sacerdotes, a fim de que mantivessem habitualmente as mãos e os pés limpos, tipificando suas atividades e modo de vida.

c) A frequência da lavagem na bacia de bronze era impressionante. Em todas as ocasiões, quando o sacerdote estivesse prestes a entrar na casa para servir a Deus ou ir ao altar para servir ao homem, ele tinha de lavar as mãos e os pés.

d) A pena por não seguir as determinações referentes à bacia de bronze era a morte, duas vezes denunciada contra quem não cumprisse o regulamento da lavagem.

No mesmo dia da consagração, os sacerdotes Nadabe e Abiú ousaram entrar na casa para queimar incenso usando fogo não tirado do altar da expiação e, portanto, não santificados pelo sangue da expiação. Ambos foram mortos pelo fogo de Jeová (Lv 10:1-2; 16:12). Assim, foi solenemente enfatizado que o sangue é indispensável para a adoração aceitável.

No início desta dispensação, Ananias e Safira se atreveram a entrar na atual casa de Deus, a igreja, com o coração contaminado e as mãos impuras, e eles também morreram na presença de Deus (At 5:1-11). Assim, foi solenemente enfatizado que a santificação assegurada pela "água" é indispensável para o serviço aceitável.

Sob o regime da velha aliança, o salmista perguntou: "Quem subirá ao monte do SENHOR? Quem há de permanecer no seu santo lugar?", e a resposta esquadrinhadora foi: "O que é *limpo de mãos* e *puro de coração*" (Sl 24:3-4).

Sob o regime da nova aliança, o apóstolo disse: "Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando *mãos santas*, sem ira e sem animosidade [ou seja, com coração puro]" (1Tm 2:8).

Os cristãos coríntios realizavam as reuniões públicas da igreja, mas com o coração impuro pela contenda, inveja e egoísmo, e com o corpo contaminado pela imoralidade e cobiça. Por isso, estavam fracos, doentes e morrendo

prematuramente sob o julgamento de Deus (1Co 11:26-32). O lugar de bênção, a mesa do Senhor, é lugar perigoso para o crente carnal, assim como foi o altar de incenso para Nadabe e Abiú.

Aqui está, portanto, a condição inexorável da posição e serviço sacerdotal. Será que isso não explica por quê, embora os salvos sejam muitos, os sacerdotes são poucos?

4. A água da purificação. O que torna a água tão indispensável à comunhão, adoração e serviço? O que capacita o crente a ser santo? Por quais meios a pessoa e as vestes, o homem interior e a vida exterior, podem ser mantidas limpas? A resposta encontra-se em Efésios 5:25b-27:

> Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito.

O texto está ensinando que:

a) O amor de Cristo é a fonte de toda bênção para todo o seu povo.
b) O sacrifício de Cristo de si mesmo até a morte é a base do seu direito de redenção, de sua propriedade da igreja.
c) O objetivo que Cristo colocou diante de seu coração é apresentar a igreja a si mesmo como uma esposa para

um marido. O contexto trata da relação matrimonial e o gênero feminino da palavra grega *ekklésia* (ἐκκλησια, "igreja") ressalta a figura usada, como vemos na tradução: "E a si mesmo se entregou por *ela*, para que *a* santificasse… para *a* apresentar... santa e sem defeito". Hoje, seu povo é como uma virgem prometida (2Co 11:2-3) e no devido tempo os exércitos celestiais se alegrarão, porque "chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou" (Ap 19:7, NVI).

d) Para esse grande objetivo é necessário que a igreja seja completamente perfeita, de modo a ser agradável ao seu Noivo-Rei. Ela deve ser gloriosa, não tendo mancha, ruga ou algo semelhante, mas tão santa a ponto de não ter defeito. Todos esses termos referem-se à aparência, à beleza visível.

Como a noiva irá alcançar essa condição perfeita? A resposta é que o próprio Cristo a santifica. De outra maneira não seria possível, mas ele a leva a essa altura de beleza e glória. Por qual método ele o faz? É pelo uso "da lavagem [composta] de água pela palavra" (Ef 5:26). A antiga lavagem na bacia de bronze aponta para as palavras de Deus, agora preservadas para nós na Sagrada Escritura. A água na bacia simboliza o Espírito Santo de Deus. Quem obedece ao que o Senhor diz recebe o poder purificador do Espírito que habita na palavra. As ordens do Senhor direcionam-nos à santidade, mas devemos obedecer-lhes para sermos santificados. Uma ordem desobedecida não beneficia, apenas condena. Uma ordem obedecida, remove o defeito moral contra o qual ela é comandada e supre a virtude que faltava.

Claro que a figura aqui usada é de uma escrava sobre

quem um príncipe coloca o coração. Ele a resgata e adquire todos os direitos sobre ela. O preço de compra a liberta da antiga escravidão, mas ao mesmo tempo torna-a sua propriedade. Ele não pode levá-la diretamente do mercado de escravos para sentar-se com ele no trono. Ela precisa ser banhada, vestida, adornada, instruída para a glória real, e deve cooperar pela obediência aos requisitos e pela aceitação da educação indicada. Ela receberá a provisão do príncipe, mas *deve usá-la* de modo a conformar-se a ele e adequar-se ao nobre chamado. Seria inútil ela argumentar que o preço do resgate bastava para todos os requisitos. Não bastava. Era suficiente para libertá-la da vida antiga e apresentá-la à nova posição e relacionamento, mas não tomaria o lugar nem tornaria desnecessária a água, as roupas reais, os ornamentos e o unguento perfumado. São requisitos que ela deve aceitar e empregar com toda a diligência, como fez Ester. Daí as duas declarações mutuamente complementares de que Cristo santifica a igreja, mas ela prepara-se e arruma-se para o casamento.

Enquanto Paulo diz de seus convertidos que ele os preparou como virgem pura, a fim de apresentá-los a Cristo no dia do casamento, ele temia que alguns deles se mostrassem infiéis de coração ao Amado celestial e fossem corrompidos e contaminados e, assim, ficassem despreparados. Como Satanás seduziu Eva apartando-a de Deus, ele seduzirá o cristão apartando-o de Cristo, se o cristão não for vigilante quanto ao seu coração e caminhos (2Co 11:2-3; cf. Tg 4:4; Fp 3:13-14).

Ó tristeza por palavras dolorosas demais!
O dia nupcial está chegando,

A virgem, que não é mais,
É deixada a chorar e suspirar:
Toda manchada pelo abraço imundo
Ela perdeu por seu lugar de rainha.[40]

As Escrituras mostram em muitas partes o uso da água. Davi, após recuperar-se da lepra moral, ter seu pecado perdoado por Deus e receber a anulação da sentença de morte, orou: "Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve" (Sl 51:7). O hissopo era usado para aspergir o sangue (Êx 12:22; Lv 14:6-7; Hb 9:19-21), e a lavagem era feita com água e não com sangue.

Não cantemos nenhum hino que diga o contrário, pois ele fixa na mente a falsa ideia de que tudo o que Deus requer é obtido no altar, de modo que a bacia de bronze é negligenciada e a santidade, retardada. De cada mil alusões que os pregadores fazem ao altar e ao sangue, será que há uma menção à bacia? Hebreus 10:22 mostra que a água é tão necessária quanto o sangue para a plena certeza de fé: "Aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado[41] de má consciência e lavado o corpo com água pura". A consciência é aliviada pela fé no sangue de Cristo, e o "corpo", ou seja, a conduta é purificada pela obediência à Palavra e ao Espírito.

O Senhor disse para o crente justificado e o seguidor sincero: "Se eu não te lavar, não tens parte comigo", e, enfatizando a necessidade da purificação prática, dentro da figura do ramo da videira que foi podada da casca morta e outras impurezas que impedem a frutificação, acrescentou: "Vós já estais limpos pela [pelo efeito da] palavra que vos tenho falado" (Jo 13:8-10; 15:3). A limpeza externa precisa ser

mantida e promovida pela lavagem diligente dos pés na bacia de bronze. Só assim o peregrino que viaja por este mundo sórdido (1Pe 1:17) chegará ao salão nupcial "todo limpo" (Jo 13:10). A aplicação da frase "todo limpo" à purificação pelo sangue no altar é total desrespeito para com as palavras ditas por Cristo a Pedro. Foi enquanto ele graciosamente lavava os pés de Pedro com água que ele disse: "Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés" (Jo 13:10). Tendo os pés lavados, ele está "todo limpo", mas é lógico que um convidado não estará todo limpo, enquanto os pés com ou sem sandálias estiverem sujos por causa da poeira e lama das ruas.

O primeiro banho do sacerdote no seu "batismo" de consagração é a figura indicada do "lavar regenerador e renovador do Espírito Santo" (Tt 3:5), mas o "batismo" não está em vista nas principais passagens sobre santidade e serviço sacerdotal, como em Efésios 5:25-27 e Hebreus 10:22.

Que nenhum cristão se iluda ou se deixe enganar por ensinos errados, pensando que ele obtém pelo sangue sagrado o que só pode ser obtido pela água igualmente sagrada. Ele precisa de ambos. O sangue para assegurar sua posição diante de Deus; o Espírito Santo para fazer com que o seu estado corresponda à sua posição. É pela água que a sede do coração é saciada, a alma é renovada, a vida é inundada com a graça. É pela água que a prática da vida diária é purificada e mantida limpa.

Deus seja louvado, pois a Água celestial está sempre disponível. A Rocha espiritual vai conosco pelo deserto. Cristo acompanha seu povo e dá o Espírito Santo aos que lhe obedecem. Do lado ferido de Cristo saiu água e sangue (Jo 19:34), que ressoa sua promessa graciosa: "Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida" (Ap 21:6).

Portanto, “bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras” (Ap 22:14).

Capítulo 11

O SANGUE NÃO REALIZA A TAREFA DO ÓLEO

NO PROCESSO DE purificação do leproso, depois que o sangue da expiação era posto em sua orelha, mão e pé direitos, o óleo era aspergido diante de Jeová, colocado em cima do sangue na orelha, mão e pé direitos e derramado sobre a cabeça do homem a ser purificado. Era o penúltimo ato cerimonial, mas, sem ele, a limpeza não ficaria completa (Lv 14:16-18).

Encontramos as mesmas características na consagração dos sacerdotes (Lv 8). O rei era consagrado pela unção com óleo (1Sm 10:1; 16:13; 2Sm 5:3). Eliseu tinha de ser ungido como profeta (1Rs 19:16). O Filho de Deus foi ungido no batismo. Pedro indica o que o óleo significava e efetuava, quando disse sobre Jesus: "Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder", de modo que ele "andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo,

porque Deus era com ele" (At 10:38).

A unção com o Espírito era distinta da medida do Espírito que fora a porção do Senhor Jesus durante a sua vida privada. A consequência da unção foi que "Deus era com ele" em certo sentido que era adicional à comunhão que ele tinha anteriormente com o Pai. O efeito foi a infusão de poder espiritual para o serviço público. Ele foi ungido com o Espírito Santo e com poder, como está escrito acerca da ocasião em que "Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galileia" (Lc 4:14) e mostrou o poder da unção vencendo as doenças, os sofrimentos e Satanás.

Da mesma forma, os primeiros discípulos receberam poder pelo Espírito Santo que desceu sobre eles (At 1:8) e tornaram-se testemunhas poderosas do Cristo glorificado.

A unção só pode ser dada aos que aceitam o sangue aspergido como expiação pelo pecado. Mas, por que há tantos que fazem isso sem o poder para testemunhar e servir? O fato solene é inegável: Qual é a razão? E qual é a solução? Cada um se pergunte: Consenti que minha orelha fosse marcada com o sangue, de modo que tenciono ouvir constantemente a voz de Deus? Dediquei minha mão para fazer somente a vontade e as obras de Deus? Na qualidade de comprado pelo sangue, resolvi andar apenas nos passos do meu Senhor? Busquei e recebi a *unção* com o Espírito e com poder? Será que tenho pensado que tudo isso aconteceu quando primeiro fui ao altar e aceitei o perdão pelo sangue?

Poderia ter sido assim, pois foi o que aconteceu com Cornélio e sua casa (At 10:44-48), mas foi assim com você? A vida do leitor como crente é marcada por poder ou por fraqueza? Não se deixe enganar pela teoria, mas receba a realidade pela fé. Dedique sua pessoa a Cristo para servir única

e exclusivamente a ele, pois assim a unção do óleo será adicionada ao sangue e você terá poder para conhecer a mente de Deus (1Jo 2:27), fazer o bem e derrotar o diabo na sua vida e na dos outros.

Todavia, esteja certo de que o sangue sem o óleo não produz os resultados abençoados que glorificam a Deus. Para servir como profeta ou sacerdote ou rei, a unção com óleo era um acontecimento distinto e conhecido.

Capítulo 12

O SANGUE NÃO SUBSTITUI A DISCIPLINA

O SANGUE NÃO age como fogo e não cumpre o propósito da disciplina de Deus. O exemplo clássico é Davi após a queda e restauração (2Sm 12:12-14). Ele foi perdoado, seu pecado foi retirado e a pena capital foi adiada, porque Deus deu ao transgressor *arrependido* o benefício do sangue que Jesus derramaria. Porém, ao anúncio do perdão foi acrescentada a sentença de que seu filho recém-nascido morreria e a espada assediaria sua casa até o fim da vida. Ele pecara publicamente e dera lugar para os inimigos de Deus blasfemarem, e o Deus santo foi obrigado a vindicar sua santidade e mostrar publicamente que ele não tolera o pecado em seu povo. Depois disso, a vida de Davi mostrou que ele humildemente aceitou o severo castigo e foi beneficiado por ele.

A principal passagem sobre a disciplina paternal de Deus

é Hebreus 12:1-17, que ocorre após a grande exposição da remissão pelo sangue e da purificação pela água (Hb 10:19-22). Pode, então, a disciplina acrescentar algo? A passagem declara que o Pai "açoita a todo filho a quem [ele] recebe" (Hb 12:6) e que isso é prova do amor do Pai e da filiação dos filhos. O objeto do tratamento severo é "para o nosso bem, para que participemos [τὸ μεταλαβεῖν τῆς, *to metalabein tēs*] da sua santidade" (Hb 12:10, NVI). Cada um de seus filhos já foi considerado *justo* pela fé em Cristo. Mas isso foi imputado e garante uma posição clara e segura perante a lei. A santidade é o verdadeiro caráter e atividade de Deus infundidos e trabalhados em seus filhos. O único outro lugar neotestamentário em que ocorre essa palavra específica é 2Coríntios 1:12, onde Paulo fala de sua conduta prática em Corinto. Na cidade notória por suas depravações, ele tinha se "comportado [...] em santidade e sinceridade de Deus" (TB).

Deus, nosso Pai, usa a disciplina para atingir esse objetivo nobre e necessário, e nem o sangue, a água ou o óleo a isentam. O ouro não se livra da escória por nenhum desses três elementos, mas apenas pelo *fogo*, que é relacionado diretamente com o crente ser achado para "louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (1Pe 1:7). A passagem que citamos em Hebreus enfatiza a mesma relação, quando nos exorta a seguir "a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12:14), ou seja, Deus Pai,[42] pois todo olho verá Cristo e todo joelho se dobrará diante dele em uma ou outra sessão do seu tribunal.[43]

Em meu *Comentário à Epístola aos Hebreus*, demonstrei com base em muitas partes das Escrituras, que é possível que o *açoite* a um filho de Deus (Hb 12:6) continue após a morte. Um crítico indignado queixou-se em uma revista, dizendo que

lhe parecia que aquilo que o sangue não podia fazer, mil anos no purgatório pode. Eu mostrara que o processo proposto diferia radical e essencialmente do ensino católico romano do purgatório, que torna a *salvação* eterna dependente da purgação, e afirmara que o ensino do purgatório é falso. O crítico ignorou isso.

Sua frase era sagaz e bem calculada para capturar os desavisados e induzir em erro os não instruídos através da aparente honra ao sangue, mas revelou o lamentável erro teológico comum de que o sangue é como dinheiro e responde por todas as coisas.

Contudo, é muito evidente que ao menos nesta vida o sangue da expiação *não* cumpre o propósito que o castigo cumpre, e se a disciplina for reenviada, o sangue tampouco compensará aperfeiçoando a santidade no filho de Deus. Levar o povo de Deus a aceitar esse equívoco é prejudicial para a alma e suas perspectivas. Retarda o crescimento em santidade, induz a confiança indevida e conduz à letargia.

Capítulo 13

O SANGUE NÃO CUMPRE A FUNÇÃO DA ESPADA

PELO SANGUE, ISRAEL fora livrado do Destruidor no Egito, mas não foi o que lhe deu a vitória sobre Amaleque no deserto. Foram necessários a intercessão do líder no cume do monte e o uso da espada afiada. No deserto, experimentaram a virtude contínua do sangue, da água, do óleo e do fogo da disciplina; mas nada disso fez com que vencessem Seom e Ogue. A vitória exigiu a espada. Eles atravessaram o rio Jordão, tipificando o nosso livramento pela cruz de Cristo do esforço cansativo de anular a carne, o "velho homem" e suas corrupções, mas isso não lhes deu a posse da nobre herança. A posse teve de ser conquistada pela espada.

Israel no Egito representa o povo escolhido de Deus em escravidão ao mundo. Israel no deserto representa o povo de Deus sendo assediado e muitas vezes derrotado pelas

impurezas da carne (como a fornicação e a idolatria) e do espírito (como a desconfiança e a autossatisfação). A luta de Israel contra gigantes no topo dos montes de Canaã representa nossa guerra contra os espíritos malignos nos lugares celestiais. A batalha incessante deve ser travada em nosso coração, vigiando contra os pensamentos, sentimentos e desejos maus. Deve ser exercida intensamente em casa, na escola, nos negócios, na igreja, no púlpito e até na prisão por amor a Cristo.

Se você se refugiou sob o precioso sangue de Cristo, então você está protegido da condenação eterna. Mas, não parta do pressuposto de que todos os privilégios e vantagens da nova vida em Cristo, no tempo e na eternidade, serão seus. Nada disso! Você tem de se revestir de toda a armadura de Deus e usar a espada do Espírito, que é a palavra de Deus (Ef 6:10-18).

Desafie o coração com a pergunta: Estou combatendo o bom combate da fé? O novo nascimento dá a você o direito de herdar em Cristo. O sangue da expiação tirou o *obstáculo* legal à herança e até o pecado, mas a *posse* da herança só será conquistada pela espada. Portanto, meu irmão, diga resolutamente à sua alma:

Já que tenho de lutar para reinar,
Aumenta a minha coragem, Senhor!
Suportarei a labuta, aguentarei a dor,
Sustentado por tua palavra.[44]

Mostramos na primeira parte desta exposição o que o sangue da expiação faz. O Deus de toda graça seja louvado pela rica e fundamental verdade que estabelecemos. É

necessário que o cristão entenda o que o sangue da expiação não faz, para que ele sinta a necessidade da água e do óleo, dedique a vida em obediência minuciosa à vontade de Deus declarada na Palavra, desfrute da comunhão do Espírito Santo e cresça "na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora como no dia da eternidade. Amém!" (2Pe 3:18, ARC).

O SANGUE DA EXPIAÇÃO

O que o sangue faz e o que o sangue não faz

Este livro faz uma exposição da verdade da expiação e é ótimo para quem quiser entender melhor o sangue da expiação, conforme ensinado nas Santas Escrituras. O tratamento magistral que Lang dá ao tema é completo, mas sucinto e revelador.

<foto-do-autor>

GEORGE HENRY LANG nasceu em 20 de novembro de 1874 em Londres, e morreu em Wimborne, Dorset, Inglaterra, em 20 de outubro de 1958. Recebeu a salvação quando tinha sete anos e meio. Sua obra literária compõe-se de catorze grandes livros e inúmeros artigos. Disse, certa vez, que: "Ninguém deve escrever um livro antes dos quarenta anos. É necessário que o escritor prove suas teorias na prática antes de publicá-las". A maioria dos livros de Lang foi publicada depois dos cinquenta anos.

---

[1] A. H. Sayce, *The Religions of Ancient Egypt and Babylonia* (As Religiões do Egito Antigo e da Babilônia) (Edimburgo: T. & T. Clark, 1902), p. 466-467. O autor erudito mostrou vários outros paralelos entre a antiga religião babilônica e o ritual mosaico. O capítulo 9, intitulado "O Ritual do Templo", é de grande interesse, mas sua conclusão está errada: "A lei mosaica extraiu sua primeira inspiração da era abraâmica" (p. 478). Mais exatamente, a religião humana sobreviveu como forma degradada do plano original designado por Deus para o homem aproximar-se dele. O sistema mosaico foi um avivamento e ampliação dados pela instrução divina acerca do sistema original de adoração.

[2] **N. do T.:** Lutero traduz o versículo assim: "O Senhor assentou-se para preparar um dilúvio". Em seu comentário ao texto hebraico de Salmos, o exegeta hebraísta Franz Delitzsch diz acerca desse versículo: "Mas a palavra não é לִמבּוֹל, mas לְמַבּוּל, e a palavra הַמַּבּוּל (siríaco *momûl*) ocorre exclusivamente em Gênesis 6–11 como o nome do grande dilúvio". Na conclusão do comentário, ele reforça a interpretação ao dizer: "A referência retrospectiva a esse evento também é confirmada pelo aoristo וַיֵּשֶׁב, que segue o perfeito יָשַׁב (Johann Hofmann, *Schriftbeweis*, Parte I, 1857, p. 208). Jeová, diz o poeta, assentou-se (em seu trono) no dilúvio (para executá-lo) e, em consequência disso ou desde então, como mostra sua presente revelação na tempestade, assenta-se (entronizado) como rei para sempre, visto que ele governa na terra desde seu trono nos céus (Sl 115:16)", C. F. Keil & F. Delitzsch, "Psalms", in *Commentary on the Old Testament*, Vol. V (Edimburgo: T. & T. Clark, 1888), p. 372-373.

[3] **N. do T.:** Na ARA, o termo *Abadom* foi traduzido por "abismo", "abismos" ou "destruição" (veja a TB, que quase sempre grafa por Abadom mesmo). Para um entendimento melhor do assunto do Hades e demais regiões do além-túmulo, veja *Hades: O Lugar dos Mortos*, de Robert Govett, publicado por esta editora.

[4] **N. do T.:** O tempo do exílio dos judeus na Babilônia.

[5] C. F. Keil & F. Delitzsch, "Isaiah", in *Commentary on the Old Testament*, Vol. II (Edimburgo: T. & T. Clark, 1888), p. 46.

[6] F. C. Cook, ed., *The Speaker's Commentary* (O Comentário do Orador) (Londres: Scribner, Armstrong & Co., 1871-1882), vol. I, p. 295.

[7] A. H. Sayce, *Holy Bible with an Explanatory and Critical Commentary: Genesis–Exodus* (Bíblia Sagrada com Comentário Explicativo e Crítico: Gênesis–Êxodo), Vol. I, Part I (Edimburgo: T. & T. Clark, 1871), p. 472.

[8] Ibid.

[9] Extraído do hino *Glory be to Jesus* (Glória seja a Jesus), letra de Edward Caswell (1814-1878) e música de Friedrich Filitz (1804-1876). [Tradução livre.]

[10] Veja Hebreus 10:26-30: "Se pecarmos *voluntariamente*, depois de termos recebido *o conhecimento da verdade*, já não resta mais *sacrifício pelos pecados*, mas uma certa *expectação horrível de juízo* e ardor de fogo, que há de devorar os adversários. [...] Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu *darei* a recompensa, diz o Senhor. E outra vez: O Senhor *julgará* o seu povo".

[11] O texto mostra que a frase *ser cortado dentre o seu povo* significava "morrer", pois a morte era a pena por comer sangue, como fora anteriormente anunciado a Noé (Gn 9:5-6).

[12] O espírito que anima deve ser diferenciado da alma e do corpo. As Escrituras ensinam que na hora da morte o *espírito* volta a Deus, a *alma* desce para o Hades, o lugar dos mortos, e o *corpo* se decompõe. É impossível

subir ao céu antes do tempo da ressurreição. Somente então todas as três partes que compõem o homem serão reunidas. [Para inteirar-se mais sobre esse assunto, veja *Hades: O Lugar dos Mortos*, de Robert Govett, publicado por esta editora.]

[13] **N. do T.**: Robert Lowth, bispo de Londres, traduziu a expressão נגש הוא נענה por "foi exigido e ele se fez responsável" (Is 53:7a: "foi oprimido e humilhado", ARA), e afirmou que as palavras indicam que a lei exigia a aflição dos pecadores como punição pela dívida, mas que Cristo voluntariamente assumiu a responsabilidade de ser afligido no lugar deles. *Isaiah: A New Translation with a Preliminary Dissertation and Notes Critical, Philosophical and Explanatory* (Isaías: Uma Nova Tradução com uma Dissertação Preliminar e Notas Críticas, Filosóficas e Explicativas) (Cambridge: H. S. Baynes, 1825), p. 195.

[14] Extraído do hino *From Whence This Fear and Unbelief?* (De Onde Vêm esse Medo e Incredulidade?), letra de Augustus Toplady (1740-1778). [Tradução livre.]

[15] Extraído do hino *There Is A Green Hill Far Away* (Há um Monte Verde ao Longe), letra de Cecil Frances Alexander (1818-1895) e música de George Coles Stebbins (1846-1945). [Tradução livre.]

[16] **N. do T.:** Do hebraico *kappôret* (da raiz hebraica *kapar*, "cobertura", especificamente "cobertura expiatória"), o propiciatório era a tampa da arca da aliança. De acordo com os eruditos hebraístas Keil e Delitzsch, embora o propiciatório fosse a tampa da arca, o termo *cobertura* não diz respeito a ele como tampa ou cobertura da arca, mas como peça, um lugar onde os pecados eram cobertos pelo sangue da expiação. Podia chamar-se "assento ou trono da misericórdia" por ser o lugar onde Deus, no meio dos querubins, descia para encontrar-se com o homem e concedia-lhe perdão e misericórdia ao aceitar o sangue da vítima imolada no lugar do homem culpado. Na visão bíblica, isso tornou-se no trono de Jeová, o estrado de seus pés na terra no meio do seu povo escolhido (Êx 25:22; 40:35; Lv 1:1; 1Cr 28:2; Sl 99:1, 5; 132:7; Lm 2:1b).

Segundo Keil: "A placa de ouro sobre a arca formava o estrado do trono de Jeová. Ele fez com que o seu nome, ou seja, a presença real de seu ser habitasse em uma nuvem entre os dois querubins... [onde] ele se revelava como o Deus zeloso que visitava o pecado e mostrava misericórdia... especialmente no grande Dia da Expiação, quando, por meio do sangue da oferta pelo pecado aspergido sobre e diante do *kappôret* (כַּפֹּרֶת), ele concedia reconciliação ao seu povo por todas as suas transgressões em todos os seus pecados (Lv 16:14). Assim, o estrado do trono de Deus tornou-se o trono da graça (Hb 4:16)", C. F. Keil & F. Delitzsch, "Exodus", in *Commentary on the Old Testament*, Vol. II (Edimburgo: T. & T. Clark, 1866), p. 169.

Ao dizer que Cristo é o verdadeiro propiciatório, o genuíno *kappôret*, Lang está afirmando com base na verdade expressa no texto grego de

Romanos 3:25, que Cristo em sua natureza divina e humana é o lugar onde Deus e o homem estão intrinsecamente unidos e reconciliados. Cristo é, em si mesmo, o ponto de contato entre Deus e o homem e o "lugar" onde o homem pecador recebe o perdão e a graça de Deus, através do sangue expiador derramado por Cristo.

[17] **N. do T.:** Πως κατήλλαξε πὼς ἔστρεψε νώτον Μωὰβ, in *Bíblia Interlinear Português/Grego* (Toronto: A Sociedade Bíblia do Canadá, 2019).

[18] *The Book of the Dead* (O Livro dos Mortos), traduzido para o inglês por E. A. Wallis Budge (Londres: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1901), p. 62-63, veja p. 32.

[19] R. B. Girdlestone, *Synonyms Of The Old Testament: Their Bearing on Christian Doctrine* (Sinônimos do Antigo Testamento: Sua Influência na Doutrina Cristã) (Londres: Longmans, Green, and Co., 1871), p. 217.

[20] W. H. Griffith Thomas, *The Principles of Theology: An Introduction to the Thirty-Nine Articles* (Os Princípios da Teologia: Uma Introdução aos Trinta e Nove Artigos) (Londres: Longmans, Green, and Co., 1930), p. 53.

[21] Henry Alford, "Commentary on 2 Corinthians 5:18", in *Greek Testament Critical Exegetical Commentary*, Vol. II (Cambridge: Deighton, Bell, and Co., 1877), p. 665, grifos no original.

[22] H. C. Glen Moule, "The Epistle of St. Paul to the Romans", in *The Expositor's Bible* (Bíblia do Expositor) (Londres: Hodder & Stoughton, 1894), p. 138, grifos meus.

[23] Ibid., p. 141.

[24] H. P. Liddon, *Explanatory Analysis of St. Paul's Epistle to the Romans* (Análise Explicativa da Epístola de São Paulo aos Romanos) (Londres: Longmans, Green, and Co., 1893), p. 101.

[25] Santo Anselmo, *Por que Deus se fez Homem?* Tradução de Daniel Costa (São Paulo: Novo Século, 2003).

[26] Liddon, *Epistle to the Romans* (Romanos), p. 101-102.

[27] Extraído do hino *Arise, My Soul, Arise* (Levanta-te, Minha Alma, Levanta-te), de Charles Wesley (1707-1788). [Tradução livre.]

[28] **N. do T.:** Em grego, εἰς ἀθέτησιν τῆς ἁμαρτίας (*eis athetēsin tēs hamartias*, "para aniquilar o pecado"). De acordo com o *Dicionário Vine* de exposição de palavras bíblicas: "Em Hebreus 9:26, o verbo *athetēsin*, cognato do verbo *atheteõ*, foi traduzido por 'aniquilar', em alusão ao pecado, literalmente, 'para uma colocação para longe'", *Dicionário Vine* (Rio de Janeiro: CPAD, 2005), p. 402. Sendo assim, a ideia é de tirar algo de um lugar e levar para outro lugar, longe do primeiro.

[29] Extraído do poema *On This Day I Complete My Thirty-sixth Year* (Nesse Dia Eu Completo Trinta e Seis Anos), de George Gordon Byron (1788-1824), em 22 de janeiro de 1824 em Mesolóngi, Grécia. [Tradução livre.]

[30] **N. do T.:** Para inteirar-se de um estudo mais detalhado sobre a redenção da criatura (a fauna e a flora) recomendamos o livro *Animais: Seu Passado e Futuro*, de G. H. Pember, publicado também por esta editora.

[31] Extraído do hino *The Veil Is Rent! Lo! Jesus Stands* (O Véu Rasgou-se! Vejam! Jesus Está em Pé), letra de James George Deck (1807-1884) e música de Alexander Robert Reinagle (1756-1809). [Tradução livre.]

[32] Extraído do hino 138, do hinário *Psalms and Hymns and Spiritual Songs* (Salmos, Hinos e Cânticos Espirituais) (Hong Kong: Bible Light Publisher Ltd., s.d.). [Tradução livre.]

[33] **N. do T.:** Fonte desconhecida. Tradução livre.

[34] Extraído do hino *The Sands of Time Are Sinking* (As Areias do Tempo Estão se Esvaindo), letra de Anne Ross Cousin (1824-1906) e música de Chrétien Urhan (1790-1845). [Tradução livre.]

[35] Extraído do hino *Precious, Precious Blood of Jesus* (Sangue Precioso, Precioso de Jesus), letra de Frances Ridley Havergal (1836-1879) e música de James Mountain (1844-1933). [Tradução livre.]

[36] Extraído do hino *There is a Fountain Filled with Blood* (Há uma Fonte Cheia de Sangue), letra de William Cowper (1731-1800) e música baseada em uma antiga melodia americana. [Tradução livre.]

[37] John Nelson Darby, *The New Testament: A New Translation*, João 13:10, nota de rodapé "a".

[38] George Whitefield, *The Method of Grace* (O Método da Graça), sermão pregado na manhã de sábado de 14 de setembro de 1741, na High Church Yard de Glasgow, Escócia, baseado em Jeremias 6:14.

[39] **N. do T.:** Fonte desconhecida.

[40] Extraído do poema *The Fear* (O Medo), de G. H. Lang, em 24 de abril de 1923, em Vulcan, Romênia. [Tradução livre.]

[41] No original grego *rhantizó* (ῥαντίζω), que significa "aspergir", "purificar cerimonialmente por aspersão".

[42] **N. do T.:** A ideia expressa por Lang parece contradizer o pensamento teológico de que o Pai sempre se faz visível unicamente em seu Filho Unigênito. Com razão, Paulo chama a Cristo de "imagem do Deus invisível" (Cl 1:15). Sem Cristo, o Filho eterno, a segunda Pessoa bendita da Trindade santa, Deus Pai e Deus Espírito Santo jamais serão vistos. Paulo também afirma que a glória de Deus resplandece na face de Cristo, pois ele é de maneira perfeita a imagem de Deus (2Co 4:6).

A revelação do Pai, unicamente pelo Filho, não começou apenas na encarnação do Verbo. Todas as formas gloriosas das manifestações de Deus (teofanias), todas as suas saídas autorreveladoras no Antigo Testamento e até desde a eternidade deram-se por meio do Filho. As saídas do Filho são desde a eternidade (Mq 5:2, TB), o que indica que desde a criação dos seres celestiais (que precedeu a criação dos céus e da terra, Jó 38:4-7) até a época do fim do Antigo Testamento, todas as revelações de Deus se deram por

meio das saídas teofânicas do Filho de Deus. Em outras palavras, ninguém jamais viu a Deus fora de Cristo, em nenhum momento desde o início da criação e nem jamais o verá fora de Cristo, mesmo na eternidade futura.

Apenas Cristo é a imagem do Deus invisível, embora não descarte a possibilidade de Deus Pai ser visto de modo *distinto* do Deus Filho, como Lang sugere aqui. Mas, notemos que *de modo distinto* não é o mesmo que *de modo separado* ou *à parte* do Filho. Isso significa (e penso que é o mesmo pensamento de Lang) que a Trindade é indivisível em sua essência e em suas operações, mas permanece cada uma das Pessoas distintas na maneira como subsistem. Isso permite que os três também operem e se manifestem de forma distinta, mas misteriosamente nunca de forma separada em essência e operação.

Um exemplo é quando no batismo de Jesus Cristo, o Pai falou do céu, o Filho orou ao sair das águas e o Espírito Santo desceu em forma corpórea de pomba sobre o Filho (Mt 3:16-17). O Pai produziu som, o Espírito Santo apareceu em forma corpórea e o Filho saiu das águas. As três Pessoas coexistem juntas e agem de modo distinto, mas nunca de modo separado em sua essência. A essência divina é una, o que significa que quando a voz do Pai falou, aconteceu de forma misteriosa com a participação da essência do Filho e do Espírito Santo e envolveu a atividade conjunta das duas outras pessoas. Quando o Espírito Santo tomou a forma corpórea de pomba e desceu sobre o Filho, envolveu de forma misteriosa a participação da essência do Filho e do Pai, comunicando uma só essência e participando da mesma atividade. O mesmo processo se dá quando o Filho ora ao sair das águas.

Notemos que todas essas manifestações e atividades distintas não estão separadas em essência. É porque o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm uma mesma essência que eles são indivisíveis, mesmo quando operam de maneira distinta.

Todavia, sabendo que essa essência única, de qualquer uma das três Pessoas, quando resolve se revelar ou se dar a conhecer, sempre o faz na Pessoa do Filho, então como o Pai e o Espírito se manifestaram *com ele* e não apenas *visível e tangivelmente nele*? A resposta é que mesmo quando o Pai falou e o Espírito Santo desceu como pomba, eles estavam fazendo por meio do poder da manifestação que o Filho, o Verbo, compartilhava e comunicava ao Pai e ao Espírito Santo por meio da essência indivisível da Trindade. O Pai só se manifestou em voz, porque *foi por meio do Verbo, seu Filho*, que ele produziu a voz. O Espírito só apareceu na forma corpórea de pomba, porque por meio da *essência compartilhada com o Filho*, ele pode através do que lhe é *comunicado pelo Filho* assumir uma forma e manifestar-se.

Dessa maneira, mesmo que a manifestação seja distinta e pessoal da parte de cada um, ela não é feita separada da segunda Pessoa e ainda está

acontecendo por meio dela. Deus, em cada uma das Pessoas, está sendo visto e ouvido de modo pessoalmente distinto, mas não separado da segunda Pessoa, o Filho. Por causa da essência una, o Filho comunica ao Pai o manifestar-se e o mesmo faz com o Espírito Santo. Ambos se manifestam por meio do Filho, mesmo quando agem e revelam-se de modo pessoalmente distinto dele. Há distinção, mas *nunca* separação. Essa é a visão sustentada pelos Pais da igreja ao comentarem a passagem batismal narrada por Mateus, e é ensinada de forma explícita por Agostinho em seu tratado "A Trindade", livro II, capítulo 10.

Sendo essa a verdade, não seria possível que o Pai, que apareceu ao lado do Filho como o Ancião de Dias na visão de Daniel (Dn 7:13-14), se tornasse visível por meio do Filho devido à mesma essência dos dois e, mesmo assim, aparecesse de forma distinta do Filho? Reparemos que a forma que o Pai assume para ser visto e ouvido pelas criaturas, também se dá por meio do Filho que lhe comunica na mesma essência o manifestar-se.

Assim, fica embasado o pensamento de Lang conforme ele expressa em seu *Comentário à Epístola aos Hebreus*, quando disserta sobre o fato de Cristo ter se assentado à direita da majestade nas alturas:

"O Pai é aqui descrito pelo título augusto de *A Majestade*, [...] alguém de dignidade e glória solitárias e incomparáveis.

"Como o Filho é distinto do Pai (embora inseparável em essência), assim o Pai é distinto do Filho; pois um está à direita do outro. [...] A negação teológica da forma e localidade ao Pai tornaria impossível que o Filho, tendo forma e localidade, se sentasse à sua direita. [...] O fato de ambos em sua divindade estarem universalmente presentes não constitui barreira para a manifestação local tanto do Filho quanto do Pai. A expressão 'nas alturas' é um lugar: A 'Majestade' que está lá é uma 'Pessoa' (Hb 1:3), mostrando esplendor inconcebível e luz inacessível ao homem na condição em que ele se encontra atualmente. [...]

"O próprio Filho atribuiu *forma* e voz ao Pai (Jo 5:37), como provado pelo fato de três vezes a voz ter sido ouvida na terra (Mt 3:17; 17:5; Jo 12:28). Ele também falou da face do Pai, a qual também deve ser real ou as criaturas finitas, como os anjos, não poderiam vê-la (Mt 18:10). [...] A sua glória tem uma manifestação local, como é provado pelo fato de que os homens glorificados são apresentados em sua Presença (Jd 24).

"A importância da questão está em: (1) A ênfase que ela coloca na posição e dignidade conferidas de forma singular ao Filho em sua humanidade glorificada. Isso é vital ao argumento e apelo da epístola. (2) A consequente ênfase na realidade e no valor de sua intercessão. Ele está fazendo negócios literais com o Pai para salvaguardar aqueles que se aproximam de Deus por meio dele (Hb 7:25). O senso da realidade dessa defesa é vital para o cristão achar coragem para aproximar-se da Majestade. [...] Se o crente que conhece a experiência santa de falar com Deus e ouvi-lo

como Pai, analisar o estado de sua mente nesses momentos, constatará que, independente de sua teoria sobre o assunto ou mesmo que não tenha nenhuma, pensará no Pai como uma presença local na qual ele entra e como uma Pessoa localizada com quem ele fala, pela capacitação do Espírito de Deus que habita em nós", *The Epistle to the Hebrews* (Londres: Paternoster Press, 1951), p. 27-28.

Claro que Lang sabia muito bem que isso se dá dessa forma e não no relacionamento da Trindade para consigo mesma, em seu aspecto essencial e no exercício do que a teologia cristã chama de atributos incomunicáveis de Deus. Segundo sua essência espiritual, sendo um Espírito perfeito e Tri-Pessoal, Deus é infinito, soberano, onipotente, onipresente, eterno, transcendente e imanente, está fora do tempo e do espaço e não pode ser visto por nenhuma de suas criaturas, nem na dimensão física e nem na mais elevada e santa dimensão espiritual (1Rs 8:27; Jr 23:23-24). Por amor às suas criaturas, a fim de relacionar-se com elas, ele apresenta-se a elas de forma visível e comunicável, *de acordo com o nível que cada uma pode usufruir de sua manifestação*.

Lang sabe e crê assim. Ele expressa essa crença ortodoxa na continuação de seu comentário acerca da possível manifestação visível do Pai, que não afeta ou desfaz a essência infinita e onipresente da Trindade una e bendita. Em nota a esse respeito, ele escreve:

"A unidade de Deus é um artigo da fé cristã tão fundamental quanto a tri-unidade das Pessoas: 'Jeová, nosso Deus, é o único Deus' (Dt 6:4, TB; Mc 12:29); 'Eu e o Pai somos um' (Jo 10:30). Antes da criação, o Pai, o Filho e o Espírito Santo não precisavam se manifestar um ao outro. A necessidade surgiu com a criação de seres que, apesar de inteligentes, não podiam apreender Deus em essência, mas apenas pela manifestação. Ora, a manifestação de Deus no Filho de modo algum alterou a unidade essencial da divindade. Por que, então, afirmar que a manifestação do Pai ou do Espírito prejudicaria a unidade? Eles são três [na maneira como subsistem de forma pessoal] quando não se manifestam, e permanecem um [essencialmente] quando se manifestam. A manifestação não altera a essência. Portanto, não há objeção válida por considerar literalmente as declarações das Escrituras como manifestação do Pai. [...]

"Tomemos as declarações [de Cristo e dos apóstolos] como estão registradas e imediatamente *aprenderemos* algo sobre o mundo celestial. Aprenderemos sobre a presença local do Deus universal, a relação que ele mantém com os seres celestiais, que 'veem sua face', e a administração do seu reino. Ele é visto e ouvido, e a presença de seu Filho lá e a defesa que ele faz do seu povo tornam-se realidade em seus corações.

"É verdade que o *modo* dessa realidade é celestial e espiritual, mas é uma realidade que realmente existe em determinado lugar nos céus. Os anjos são seres reais, o Filho do homem glorificado existe no seu verdadeiro

corpo da ressurreição, no qual ele ascendeu ao Pai, e é para aquele lugar glorioso que os santos serão transportados em seus corpos da ressurreição a fim de serem *apresentados* (Ef 5:27; Cl 1:22, 28; 2Co 4:14; 11:2), cujo termo significa exatamente o que se entende por 'apresentar-se no tribunal'. Se for tratada 'metaforicamente', a perspectiva transforma-se em uma mancha nebulosa e confusa", ibid., cap. 2, nota D.

Fica explicado por que Lang defende com argumentos bíblica e teologicamente fortes a possibilidade de cada uma das três Pessoas poder se manifestar de modo distinto, mas nunca separado em essência, e realizar de forma misteriosa tal manifestação por meio do Filho, que é e sempre será a imagem de Deus.

[43] **N. do T.:** Lang está, sem dúvida, referindo-se às diversas sessões do julgamento de Deus sobre os homens e os anjos. A Palavra de Deus faz diferença entre os julgamentos de Deus quando ele começar a julgar todas as coisas. A maioria dos cristãos e das pessoas em geral pensa, por exemplo, que o julgamento dos crentes e o dos incrédulos se dará ao mesmo tempo no Grande Trono Branco, o julgamento final (Ap 20:11-15). Mas estão equivocados. Em seu livro *O Tribunal de Cristo*, Delcio Meireles, escritor e estudioso da Palavra de Deus, diz:

"Provavelmente a falta de compreensão dessa questão tão importante esteja na identificação do Tribunal de Cristo com o julgamento do Grande Trono Branco. O termo grego usado em Apocalipse 20:11 é *thronos* [θρόνος] e o usado em 2Coríntios 5:10 é *bema* [βῆμα], traduzido por 'tribunal'. [...] Nos países orientais, as famílias eram enormes e de vez em quando havia uma reunião com todos os membros. Numa grande sala, havia uma espécie de plataforma com um assento, onde o cabeça da família se colocava para julgar as questões da família. O assento era chamado de bema. Todos os membros da família compareciam diante dele; mas apenas os que pertenciam à família. Se alguém merecesse apreciação, ela seria dada; se alguém merecesse repreensão, seria repreendido e disciplinado diante de todos. Isso mostra de modo claro que o Tribunal de Cristo não tem nada a ver com a vida eterna" ou com a condenação eterna, que são assuntos do Grande Trono Branco.

O Tribunal de Cristo se dará no Dia que a Bíblia chama de o "Dia de Cristo" (Fp 1:10 2:16), terá como Juiz o Senhor Jesus (2Tm 4:8), que julgará a sua família, a saber, os cristãos (2Co 5:10). Eles serão avaliados em relação à conduta e obras (1Co 3:13; 4:15) e poderão receber galardão ou disciplina (1Co 3:14-15; Lc 12:43-48).

Tendo em vista que para o Senhor um dia é como mil anos (2Pe 3:8), alguns estudiosos acreditam que o Dia de Cristo começará no momento em que todos os salvos comparecerem no Tribunal de Cristo e se estenderá por todo o período do reino de mil anos. "Podemos chegar a essa conclusão sem dificuldades, pois entre a ressurreição dos justos e o julgamento dos não

crentes existe um período de mil anos que separa a primeira ressurreição do juízo final" no Grande Trono Branco (Ap 20:5-6, 11-15). O Tribunal de Cristo inaugurará o "Dia de Cristo" que, ao que parece, terá início com o julgamento da igreja nos ares e findará depois do milênio com a chegada do julgamento do Grande Trono Branco.

Além do Tribunal de Cristo e do Grande Trono Branco, a Bíblia menciona: (1) O julgamento do remanescente das nações vivas (Mt 25:31-46); (2) o julgamento das doze tribos de Israel (Mt 19:28) e (3) o julgamento do mundo e dos anjos (1Co 6:2-3). Extraído e adaptado de Delcio Meireles, *O Tribunal de Cristo: O Crente será Julgado?* (1993), p. 5-8. Para mais informações, além do livro do Meireles, leia *Uma Antologia Escatológica*, de G. H. Lang, seção "Eventos Escatológicos em Ordem Cronológica", e *The Judgment Seat of Christ*, de D. M. Panton.

[44] Extraído do hino *Am I a Soldier of the Cross?* (Sou um Soldado da Cruz?), letra de Isaac Watts (1674-1748) e música de David Sankey (1840-1908). [Tradução livre.]